



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

BEATRIZ GUIMARÃES JARDIM

**FONTES PARA A HISTÓRIA DO EATRO NO SÉCULO XIX, TRANSCRIÇÃO E
ANÁLISE DA PEÇA “TEMPESTADES DO CORAÇÃO” (1887)**

**SÃO CRISTÓVÃO
2023**

BEATRIZ GUIMARÃES JARDIM

**FONTES PARA A HISTÓRIA DO EATRO NO SÉCULO XIX, TRANSCRIÇÃO E
ANÁLISE DA PEÇA “TEMPESTADES DO CORAÇÃO” (1887)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História (DHI) do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção de nota na disciplina de Prática de Pesquisa.

Orientador: Prof. MSc. José Mário dos Santos Resende.

**SÃO CRISTÓVÃO
2023**

AGRADECIMENTOS

Em especial, compartilho a minha gratidão inicial, a Deus, o qual sempre se fez presente em meus percursos diários e me guiou para que pudesse tornar-me uma docente, me dirigindo para o caminho que eu escolhi, a educação.

Faço minha mais doce reverência a alguém que sempre esteve presente, foi minha força, meu chão, minha principal corrente para que eu pudesse me manter firme nesse turbilhão de sentimentos, deveres e novidades a qual fui apresentada durante a graduação. Você, Deiane Guimaraes, minha luz, minha guia, obrigada. Você minha mãe que abdicou de diversas oportunidades em sua vida para que eu pudesse ter sempre a melhor educação possível, sempre guerreando com quaisquer que fossem as contraposições que a vida lhe oferecesse para que eu obtivesse um lindo futuro, seu conforto, amparo e apoio nos momentos de aflições e desesperos, sempre serão lembrados. Não obstante, agradeço ao meu pai que mesmo com a distância no sentido de corpos presente, se manteve perto, me apoiando, incentivando, e guiando para que eu pudesse escolher os meus caminhos.

No âmbito familiar agradeço a todos os meus parentes que me apoiaram direta e indiretamente.

Agradeço aos amigos que a UFS me deu ao decorrer do curso e em especial a Wesley Melo, que Deus colocou em minha vida e se tornou meu grande parceiro para vida.

É de suma importância, ressaltar em especial um amigo e professor que foi de uma maestria e importância inigualável para mim, Mário Resende, uma intelectual brilhante, em suas análises, ideias, concepções, pensamentos, enfim, um cérebro ímpar. Hoje se faz presente como orientador deste trabalho, agradeço-lhe pela dedicação e amor a sua profissão.

RESUMO

Perpassando pelos caminhos do desenvolvimento do teatro no Brasil no século XIX, este trabalho busca explicar seus caminhos e crescimento ao decorrer do tempo, de modo que alcançou seu ápice. Desta forma, entenderemos também como encontramos esta documentação e sua grande importância para a sociedade brasileira do século passado e dos dias atuais, reconhecendo também a vida e obra de um grande artista do período a ser estudado, que ainda hoje é muito conhecido no meio artístico, por suas obras e influência.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro brasileiro; Século XIX; Obra teatral.

ABSTRACT

Going through the paths of theater development in Brazil in the 19th century, this work seeks to explain its paths and growth over time, so that it reached its peak. In this way, we will also understand how we found this documentation and its great importance for Brazilian society in the last century and today, also recognizing the life and work of a great artist from the period being studied, who is still well known in the artistic world today. , for his works and influence.

Keywords: Brazilian theater; XIX century; Theatrical work.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A CHEGADA DO TEATRO NO BRASIL	4
2.1. Gêneros teatrais no século XIX.....	5
2.2. Censura no teatro do século XIX.....	6
2.3. Biblioteca Nacional Digital.....	6
3. VIDA E OBRAS DE DR. PIRES DE ALMEIDA	7
4. DRAMA: “TEMPESTADES DO CORAÇÃO”	8
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	11
7. FONTES.....	12
8. ANEXO.....	13

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo apresentar a transcrição da peça teatral “Tempestades do Coração” com autoria de Dr. Pires de Almeida, uma das várias peças desenvolvidas no século XIX. A peça foi publicada na revista *Brazil – Theatro* no ano de 1901, em sua primeira edição. Essas revistas podem ser encontradas na hemeroteca da biblioteca nacional digital. Os documentos encontrados na hemeroteca fazem parte de um compilado, no qual pode ser encontradas variadas peças totalmente descritas, perdidas em revistas e jornais de época, os disponibilizados na BND, trazem suma importância e relevância histórica para as representatividades daquele período.

Um acervo basicamente inexplorado, de muito pouco conhecimento público, com uma riqueza de material inesplícável e inimaginável principalmente para o teatro do século XIX.

2. A CHEGADA DO TEATRO NO BRASIL

Antes de iniciarmos uma caracterização do teatro no Brasil no século XIX, devemos lembrar a sociedade que vivenciava aquele tempo e em que momento político estávamos, para assim então entendermos os enquadramentos que encontramos o teatro.

Relembrando o século XIX, temos em 1808 a chegada da corte portuguesa em terras brasileiras, 1822 é declarada a independência brasileira, em 1831 D. Pedro I abdica do trono, 1847 acontece o golpe da maior idade, na qual D. Pedro II assume o trono brasileiro, em 1888 a princesa Isabel assina a Lei Áurea, que iria dar início a abolição da escravidão no Brasil e em 1889 é proclamada a república. Então podemos notar que vamos viver um período de grande instabilidade política, de grandes mudanças sociais e culturais. E contrapondo “o que” estava sendo vivido naquele momento, vamos entender um pouco do “como” aquelas sociedades viviam. Naquele momento vamos começar a ver a formação da mestiçagem no Brasil, que Freyre trás em seu livro “Vida social no Brasil em meados do século XIX” como marcante na formação histórica brasileira, em seu livro Freyre apresenta vários anúncios de escravos fugitivos e venda de escravos nos jornais brasileiros

“A miscigenação campeava já desbravadamente. Muita mistura era de brasileiros brancos com gentes de cor. De europeus com ameríndios. De portugueses com negras.” (FREYRE, 1977, p.58)

Outro ponto da sociedade brasileira neste século é o peso da religião católica, sendo considerado elemento central na vida social, como as idas às missas aos domingos, as crianças sendo estimuladas a serem coroinhas nas igrejas, a presença de oratórios nas casas das sinhás, a tradição de se construir uma capela nos engenhos, como muitas outras vivências que tem

como forte influência a igreja.

Os modos de vida das elites brasileiras possuíam grande influência europeia e inglesa, sempre sendo inseridas, seja na cultura, nas brincadeiras, nos livros, nas bebidas, e representou um grande progresso material brasileiro também, como a construção das estradas de ferros e engenhos a vapor.

Deste modo, entendemos que a sociedade estava em constante mudança, mas ainda bastante elitizada e com grande influência da igreja, com a escravidão em seu auge. Então agora podemos começar a entender como o teatro brasileiro no século XIX era visto, era entendido, era assistido, as censuras existentes, e as dificuldades encontradas.

Quando os portugueses chegaram em solo brasileiro e se depararam com os índios, tentaram dominar o lugar e os povos nativos, com este objetivo tentaram converter os indígenas ao cristianismo, desta forma iremos começar a ver as primeiras apresentações teatrais, no que chamaram de teatro de catequese, pois desta forma era mais fácil de passar as doutrinas cristãs para os nativos, que não entendiam a linguagem dos portugueses.

Em 1807 com a vinda de D. João VI e sua família para o Brasil, ele trás também vários artistas para entreter a nobreza, com isto decreta a criação de teatros que atendessem as demandas da classe que estava vivendo no Brasil naquele momento, então começam as apresentações de peças no modelo francês, que seriam as Óperas.

2.1 Genêros teatrais no século XIX

O teatro terá várias vertentes, como o romantismo que vamos observar na peça “O Poeta e a Inquisição”, que marca o teatro brasileiro, a obra é de Gonçalves de Magalhães, encenada em 1838.

Outro gênero teatral são as comédias de costumes, trazia como abordagem o comportamento social, baseado no humor e na sátira. Nesta vertente algumas peças de destaque são O juiz de paz da roça (1838), O inglês maquinista (1845) e O noviço (1845).

O teatro realista também foi uma das representações artísticas de destaque no Brasil, já no finalzinho do século XIX, que parte de um movimento europeu chamado de Realismo, contrapondo o Romantismo. Buscava abordar assuntos políticos, econômicos e sociais, de forma crítica, e tem auge em um momento de grandes mudanças no Brasil, como o fim da escravidão, a proclamação da república, a vinda de imigrantes em busca de trabalho. Alguns escritores deste gênero são Machado de Assis (1839-1908), José de Alencar (1829-1877) e Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882).

A partir deste momento, vão surgir novos telespectadores para as representações

teatrais,

o que antes funcionava como uma forma de distrair as elites da natureza diferenciada dos trópicos brasileiros, após as mudanças políticas no Brasil, novas classes vão passar a utilizar o teatro como forma de lazer. É neste momento que teremos uma nova vertente teatral, que chamou-se de teatro de revista, na qual traziam uma retrospectiva do ano, abordando os fatos importantes com enredo provocativo e brincalhão.

Portanto, nota-se que a vinda das novas representações artísticas, vem com um foco principal e único, entreter a elite e em uma época na qual o cristianismo que se fazia muito presente nas sociedades, principalmente na família real, que tinham como base a igreja, então as Óperas francesas, eram bem vindas, mas com o tempo, o desenvolvimento de novos gêneros teatrais, vai implicar uma censura, por parte da coroa, como por parte da igreja, já que os assuntos principais seriam a sociedade elitizada e seu modo de vida, principalmente na vertente da comédia de costumes, como no teatro realista, que abordavam as temáticas de modo crítico e ironizado.

2.2 Censura no teatro do século XIX

Quando ouvimos falar em censura já pensamos em algo ruim, mas quando se fala de censura teatral, surge o questionamento, pois o que de tão ruim poderia existir? Será apenas para organizar, pensando nesse contexto vamos entender que a censura teatral foi muito diferente do que se poderia imaginar. A censura teatral tem seu início com a criação do CDB (Conservatório Dramático Brasileiro) sendo esta uma instituição criada para organizar a cultura, e tem como principal objetivo incentivar o desenvolvimento do teatro no Brasil, neste caso o CDB irá atuar zelando pela moral, pelos bons costumes e pela preservação da língua formal nas peças teatrais que viriam a ser apresentadas no país, o CDB queria também integrar ao teatro os intelectuais que pudessem aprimorar as artes cênicas no Brasil.

Haviam censores oficiais e oficiosos (esses que seriam membros da sociedade) que preservava a integridade dos poderes políticos, da família real, das autoridades, da igreja católica e da língua nacional, de tal modo que toda e qualquer peça que afetasse a integridade dos mesmos, seria censurada, muitas peças foram apresentadas com cortes por passar pela censura do CDB, por mim atrelando-se a um sistema político que dita regras.

2.3 Biblioteca Nacional Digital

A peça transcrita está disponibilizada no acervo digital da Biblioteca Nacional, este sistema aberto voltado à preservação da memória documental brasileira, lançado em 2006, tem

a finalidade de ampliar e democratizar o acesso da população aos documentos que compõem o Acervo Memória Nacional através de sua digitalização e disponibilização na Internet por meio da BNDigital.

Neste acervo encontramos em notícias de jornais do século XIX várias notícias sobre as representações teatrais no Brasil, a euforia do público, os locais em que eram realizadas as apresentações, é possível acompanhar também nos jornais pedaços das peças, como se fossem uma novela, disponibilizadas nos jornais, para quem quiser ler. Neste momento, encontramos diversas formas de teatro sendo propagadas nos jornais, os teatros de rua, representações mais simples, para pessoas com uma renda monetária baixa, e também as óperas europeias, que vinham de fora para se apresentar nos palacetes reais.

A peça encontra-se em um compilado repertório dramático de autores nacionais e estrangeiros no Rio de Janeiro nos anos de 1901 – 1905. A transcrição da peça demanda atenção pois sendo de outras temporalidades ocorre mudança na escrita das palavras, em alguns momento esta transcrição não se torna fácil, tendo em vista que o material é antigado e digitalizado, assim algumas bordas ficam escurecidas, dando assim certa dificuldade em entender algumas palavras. No entanto, vamos percebendo que as palavras começam a se repetir ao decorrer da peça, tornando a transcrição mais simples, apesar de alguns borrões.

3. VIDA E OBRAS DE DR. PIRES DE ALMEIDA

José Ricardo Pires de Almeida, autor e grande representante do teatro brasileiro, nasceu em 07/12/1843, filho do Dr. Joaquim Pires Garcia e de D. Maria Luiza Pires. Graduou-se em 1871 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também foi jornalista, historiador e teatrólogo, cursou a faculdade de Direito de São Paulo por três anos. Sua atuação na área se inicia no Instituto Vaccinico, como comissário vacinador nas freguesias de Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá. Posteriormente, foi médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Em 1855 foi nomeado para o cargo de Chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal, permanecendo na função por mais de três décadas. Em relatório datado de 20/01/1890, Pires de Almeida faz um desabafo sobre a perda de atribuições que o Arquivo vinha sofrendo frente à Seção de Tombamento. Segundo afirma: “Por quanto à Seção de Tombamento tem sido conferida toda a parte ativa das investigações, ao arquivista só ficou o papel passivo de guarda dos papéis subordinados à secretaria (...) Ora, desde que à Seção de Tombamento compete a iniciativa, o arquivista não tem mais que manter a boa ordem nos documentos

confiados à sua vigilância; é o que eu tenho feito e com a mais escrupulosa fidelidade”.

Exonerou-se da direção do Arquivo no mês seguinte, em 25/02/1890, que neste momento encontrava-se vinculado à Intendência de Instrução e Estatística do Distrito Federal. Ainda em fevereiro, assume o cargo de Bibliotecário/Arquivista da Inspetoria Geral de Higiene. Após longos anos atuando na área arquivística, em 1892 foi nomeado como higienista da comissão responsável pela escolha da nova capital do Estado de Minas Gerais. O relatório da comissão, que designava o arraial de Belo Horizonte como local a ser instalada a capital, foi apresentado ao presidente do Estado em junho de 1893 e aprovado pelo Congresso Mineiro em 17/12/1893.

Autor de diversos livros das mais variadas temáticas, como composições dramáticas, obras médicas e históricas, também foi colaborador do Jornal do Commercio, da Gazeta de Notícias, do Correio Paulistano, da Ilustração Brasileira, dentre outros. Faleceu aos 70 anos, no Rio de Janeiro, em 24/09/1913. Seu filho, Ernesto Pires de Almeida, doou ao Arquivo do Distrito Federal todas as estampas e fotogravuras pertencentes ao seu pai de autoria de artistas como Rugendas e Debret.

Algumas de suas peças encontradas no acervo do BND são:

- Aspasia ou Idealismo e Materia, com 69 páginas, sendo 1 prólogo, 5 atos e 5 intermédios;
- O doente sem o ser, com 4 páginas e 12 cenas;
- Tempestades do coração, com 32 páginas e 4 atos;
- Rei Oedipo, com 45 páginas e 5 atos;
- A orgia das virgens, com 75 páginas e 5 atos;
- O castigo da virtude, com 56 páginas e 4 atos.

4. DRAMA: “TEMPESTADES DO CORAÇÃO”

Uma de suas composições dramáticas, a peça “Tempestades do coração”, é dividida em 4 atos que se passa no Rio de Janeiro no ano de 1887, sendo o primeiro ato com 13 cenas na casa do personagem Antonio Braz, o segundo ato também com 13 cenas se passa nos salões do também personagem Jorge Medeiros, o terceiro ato com 4 cenas se passa no necrotério e o quarto e último ato com 15 cenas se passa no Hospício de alienados.

O Drama que é original de Dr Pires de Almeida conta com os seguintes personagens: Gabriella; Antônio Braz; Carolina; Jorge de Medeiros; Barão de Vila Nova do Amorim; Eduardo de Menezes; Um Travesti: Cazuzá; O delegado de polícia; Um Escrivão; Dr Pinto de Oliveira; Dr Luiz de Mendonça; Médicos: Dr Alfredo Gomes e Dr Ernesto da Silveira; Uma

irmã de caridade; Porteiro do necrotério; Um criado; Loucos: Um astrólogo; O Maestro; O dramaturgo; Dous generaes; O bule; Othello; O Gallo; Médicos e estudantes; Vigilantes africanos; Guardas do hospício; Empregados do necrotério; Serventes; Assistentes; E Circunstantes. Ao início de cada ato tem uma breve explicação sobre o ambiente ao qual a cena se passará.

A peça retrata uma jovem que vive com seu avô que é cego (Antonio Braz) e um rapaz chamado Cazuzza, que vivem como irmãos, pessoas simples, sem riquezas. A moça chamada Gabriella está noiva de um rapaz, que trabalha bastante e quase nunca aparece para vê-la, Gabriella é uma artista, sabe tocar piano, pinta quadros belíssimos, e está ensinando a Cazuzza tudo que sabe de instrumentos e artes. O coronel da cidade Jorge Medeiros, junto com sua filha Carolina, procuram por Gabriella para encomendar um quadro, Caroline quer um quadro dela e do noivo para colocar lado a lado na casa deles, ao casarem. Gabriella com toda sua simplicidade e sem acreditar que seu trabalho estava sendo reconhecido aceitou fazer o quadro. Justamente quando seu noivo Eduardo reaparece dizendo que ficou rico e que precisará ir embora, talvez nunca mais voltando, com isso Gabriella fica muito magoada pois seu noivo está indo embora definitivamente.

Cazuzza reaparece para contar algo que descobriu andando pela cidade, que o coronel Jorge Medeiros estava falando sobre o noivo de sua filha e falou que o nome dele é Eduardo, acabou de descobrir que ficou rico e irão se casar no dia seguinte, com isso Gabriella chega a conclusão que o noivo de Carolina é o mesmo Eduardo, que também é seu noivo. Gabriella desejando vingança encomenda na mesma costureira o mesmo modelo de vestido que Carolina irá usar no casamento, mas na cor preta e pinta o quadro que Carolina encomendou a ela, desta forma no dia seguinte Gabriella aparece para entregar o quadro, quando encontra Eduardo e Carolina juntos, Gabriella conversa com Carolina e conta que está passando por uma desilusão e traição, apesar de Carolina lhe aconselhar, falar muitas palavras bonitas, a garota de uma simplicidade enorme acaba tirando da roupa um punhal, e começa e empunha-lo na também doce Carolina, várias vezes.

Todos encontram Carolina morta e Gabriella rindo histericamente, ao tentar prenderem Gabriella, seu avô Antônio Braz mesmo cego tenta proteger a neta, dizendo a todos que foi ele quem matou a filha do coronel e que infelizmente Gabriella encontrou apenas o corpo, mas Gabriella toma a frente e não deixa o avô tomar sua culpa. Todos são levados ao necrotério para conversar com o delegado e advogados, após muito se discutir, sobre a situação de Gabriella e sua culpabilidade, definem por então interna-la no Hospício de alienados até a decisão no julgamento, isto com uma grande ajuda de Eduardo que pagou um valor bem alto para que esta

decisão fosse tomada.

No dia do julgamento de Gabriella, Eduardo sentindo-se muito culpado por tê-la enganado e conseqüentemente ter matado Carolina, vai em sua busca para tirá-la do hospício, no entanto ao chegar e encontrar Gabriella já é um pouco tarde, pois mesmo amando muito Eduardo, a moça jovem e simples preferiu por um fim a sua vida se envenenando, sei amado a encontra em convulsões, tenta pedir perdão antes que ela morra e como forma de adeus Gabriella se perdoa seu amado e dá seu último suspiro.

Podemos então perceber o que o dinheiro faz com as pessoas, sabendo que descobriu ser rico, ainda assim Eduardo queria alcançar muito mais riquezas, assim casando-se com a filha do coronel da cidade, seria uma ótima forma de alcançar esta riqueza bem rápido, no entanto a mágoa e a tristeza que seus motivos geram em uma pessoa com um coração tão grandioso e bondoso, foi tão doloroso a ponto de levá-la a loucura, por amar tanto uma pessoa que pensou apenas em dinheiro e não deu valor ao que realmente importava, o amor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como propósito incentivar a busca e a transcrição por estas peças teatrais disponibilizadas, para a historiografia como um todo é de suma importância que arquivos como este sejam resgatados e compartilhados, que muito mais pessoas, além de estudiosos das áreas, tenham acesso a este conhecimento, encontramos peças totalmente descritas de um século passado, na qual jamais havíamos pensado que poderia existir.

Nos dias atuais ainda encontra-se muitos artistas enfrentando dificuldades em sua área de atuação, então imaginar que naquele período já haviam dezenas ou melhor, centenas e centenas de peças escritas e representadas por atores e atrizes que vieram a ser muito famosos naquele século e renomados até os dias atuais, bem como grandes escritores que até hoje faz parte das pesquisas e trabalhos científicos, temos aqui uma mina de conhecimento histórico arquivado em um acervo digital, totalmente disponibilizado a qualquer pessoa que busque entender e conhecer um pouco mais sobre aquele período.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, G. (1977). Vida social no Brasil nos meados do século XIX (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Artenova.

KHÉDE, Sonia Salomão. Censores de pincenê e gravata: dois movimentos da censura teatral no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

ARAÚJO, Nélson de. Alguns Aspectos do Teatro no Brasil nos Séculos XVIII e XIX. Disponível em: <https://journals.ku.edu/latr/article/view/293/268> . Acesso em 10/10/2023

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). BNDIGITAL – Hemeroteca Digital.

JUNIOR, Luiz Americo Lisboa. Teatro Português no Brasil: do Império à Primeira República. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. 2020.

MALGADI, Sábato. Panorama do Teatro Brasileiro. 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

GARCIA, Miliandre. A censura de costumes no Brasil: da institucionalização da censura teatral no século XIX à extinção da censura da Constituição de 1988. Rio de Janeiro. 2009

7. FONTES

BRAZIL- THEATRO 1901. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=1> . Acesso em:

10 de outubro de 2023.

BRAZIL- THEATRO 1903. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=0> . Acesso em:

10 de outubro de 2023.

BRAZIL- THEATRO 1905. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=0> . Acesso em:

10 de outubro de 2023.

8. ANEXO

Transcrição da peça:

BRAZIL THEATRO
 TEMPESTADES DO CORAÇÃO
 DRAMA EM 4 ACTOS
 ORIGINAL
 DO
 Dr. Pires de Almeida

PERSONAGENS

GABRIELLA; ANTONIO BRAZ, seu avô; CAROLINA; CORONEL JORGE DE MEDEIROS, seu pae; BARÃO DE VILLA NOVA DO AMORIM, capitalista; EDUARDO DE MENEZES, seu sobrinho; CAZUZA, orphão, 12 annos (Travesti); O DELEGADO DE POLICIA; SEU RESPECTIVO ESORIVÃO; DR. PINTO DE OLIVEIRA e DR. LUIZ DE MENDONÇA, medicos; DR. ALFREDO GOMES e DR. ERNESTO DA SILVEIRA, advogados; UMA IRMA DE CARIDADE; O PORTEIRO DO NECROTERIO; UM CRIADO; O ASTROLOGO, O MAESTRO, O DRAMATURGO, DOUS GENERAES, O BULE, OTHELLO, O GALLO, etc., loucos; MEDICOS E ESTUDANTES; VIGILANTES AFRICANOS; GUARDAS DO HOSPICIO; EMPREGADOS DO NECROTERIO; SERVENTES; ASSISTENTES E CIRCUMSTANTES.

A acção passa-se no Rio de Janeiro: o 1º acto, em casa de Antonio Braz; o 2º, nos salões de Jorge de Medeiros; o 3º, no Necroterio; e o 4º, no Hospicio de Alienados. 1887.

PRIMEIRO ACTO

Sala pobre. No primeiro plano, á esquerda, um piano; à direita, uma machina de costura. Ao centro, segundo plano, cavallête com uma téla apenas esboçada. Ao fundo, á direita, velha secretária de jacarandá; á esquerda, duas filas de carteiras escolares, e seus competentes bancos.

SCENA I

GABRIELLA, só, em frente á téla. Instantes depois, depõe sobre o banco a palheta e os pinceis. Erguendo-se de subito, e levando a mão ao seio agitado, adeanta-se para o proscenio, e diz angustiada: -Impossivel !... não posso...não posso proseguir... Estala-me a cabeça n'uma febre tão intensa, que de balde procuro dominar. Assaltada por idéas assim tristes, o pensamento me foge quasi inteiro... e para longe... para muito longe d'aqui... Seis mezes ha que Eduardo partiu, e dous longos mezes, se não passado sem que uma linha de seu punho venha assegurar-

me que estou ainda em sua lembrança... Ter- se-ha esquecido de mim?!... (Tirando do seio uma carta:) Esta carta, a ultima que recebi, leio a todos os dias, conchego-a ao meu coração, beijo-a muitas vezes com todo o carinho de que sou susceptível, com todo esse extrêmo que me enlouquece... apesar da frieza glacial, da indiferença esmagadora que transpira em cada phrase, em cada palavra... (Abre-a e a devora com um olhar.) E como elle mudou !... Em outro tempo, quão diversas eram suas expressões!... quão outra era sua linguagem!... Agora, nem uma palavra d'essas que nos transportam a mundos desconhecidos de delicias... nem uma promessa que me aclare o futuro, de que hoje tanto me arreceio... Muito ao contrário, refere-se apenas a uma fortuna imprevisivelmente adquirida... a prompts interesses, a calculos infalliveis... Oh, não era isto o que eu antevia, quando juntos, bem juntos, scismavamos ambos n'um porvir tão auspicioso e sereno...

SCENA II

CAZUZA, entrando a correr; E GABRIELLA

CAZUZA.- Sinhá... sinhá... Que mania essa! Sempre com a tal cartinha na mão... Parece que não cuida em outra cousa sinão do excommungado Eduardo de uma figa.

GABRIELLA. -Que é, Cazuzza? Vieste correndo...

CAZUZA. -Para dar-lhe uma boa noticia. Antes de tudo, é preciso que saiba, -por ahi só se discute o seu lindo quadro. Todos desejam conhecê-la pessoalmente.

GABRIELLA. - Não lisonjeies assim o meu amôr-proprio; depois, a desillusão será ainda maior.

CAZUZA. - Desillusão! A culpa não é minha... refiro simplesmente o que ouvi. Pois si até ia sahindo rôlo; sabe? porque, depois que entreguei seu quadro lá na loja, jámais perdi de vista a casa em que o deixei. Eu lh'o conto. Um bôbo, um bigorilha qualquer, depois de mirar... de mirar bem o seu trabalho, sorrio com desdém, murmurando aparvalhado: «Ora, esta môça, em vez de pintar mônos, não seria melhor que ponteasse meias ou serzisse fundilhos de calças ?... » Senti logo uma labareda subir-me aos bofes, e dei-lhe o trôco muito atrevidamente : « O' seu burro, você sabe o que está ahi a dizer? Por que julga assim a quem não conhece? A môça que desenhou essa téla, ensina primeiras-lettras, piano, pintura, e ainda cose á machina toda noute, para sustentar o avôsinho, que é cégo, a mim, que sou um vadio, e por cima de tudo isto distribue esmolos; entende? Ouvio, seu pedaço d'asno? »

GABRIELLA, reprehendendo-o meigamente: - Cazuzza!

CAZUZA. -O sujeito, já se deixa vêr, levantou logo o bengalão; mas eu, - zás! metti-lhe a testa na pança. Ajuntou muito pôvo na rua, e queriam levar-me para o xadrez, quando - felizmente- appareceu o José do Patrocínio, que intercedeu por mim. Com o José do Patrocínio ninguem brinca, porque escreve um jornal maior do que as orêlhas do pelintra que desdenhou do seu quadro.

GABRIELLA. -E's por demás aggressivo, Cazuzza : precisas moderar-te... Não são esses os conselhos, que sempre te dou.

CAZUZA. Sei d'isso: desobedecer-lhe-hei, porém, todas as vezes que fizerem pouco em Vmcê. Não consinto... não posso consentir...

GABRIELLA. Está bem... Era tudo que tinhas a dizer-me; não é assim 1 Vae agora cuidar no teu serviço. O avosinho inda ha pouco perguntou por ti.

CAZUZA. Oh, cabeça de páo! A historia do tal patife ia-me fazendo esquecer o melhor da festa... Oiça, e salte de contente. Quando tudo estava apaziguado, chegou-se a mim um senhor já de idade, grave, bem trajado, e interpellou-me: «Vem cá, menino... Conheces o autor d'este quadro? Si conheço! pois si é minha madrinha », retruquei-lhe promptamente. «Foi ella quem me apanhon perdido na rua... quem tratou de mim... quem me ensinou a ler» (Enxugando as lagrimas na manga da camisa :) «Si não fora ella, talvez eu tivesse morrido ao desamparo... sem pão... sem lar, como os cães sem colleira... » «Não chores, meu rapaz, que a occasião não é para isso» interrompeu-me o bom do velhote; « si assim é, dize-lhe que n'estas poucas horas ir-lhe-hei encomendar um retrato, pelo qual não regatearei preço ». « Obrigado », disse eu: «rua Visconde de Sapucahy n. 57. Darei o recado. Não falte. Até logo». E deitei a correr, para trazer-lhe a feliz noticia.

GABRIELLA - Pois é certo! Terei a encomenda de um trabalho generosamente retribuido?... Isso muito me animará a cultivar a bell'arte, que abracei.

CAZUZA. -Vicê perde tanto tempo a ensinar essas outras, crianças... Com que lucro? Umás lhe pagam, não. E anda aqui a gente sempre desprovida... sempre necessitada... aturando os rigôres da sorte...

GABRIELLA. -Mas vamos vivendo, mercê de Deus, estimados e apreciados por todos.

CAZUZA. -Isso não enche barriga... Ah! tenho ainda outra incumbencia a transmittir-lhe... Onde está? Onde têl-a-hei mettido? (Procurando nos bolsos :) Querem ver que a perdi... Ah! cá está: é uma carta do Arthur Napoleão... (Dá-lh'a.)

GABRIELLA, depois de lél-a:- Offerece-me um conto de réis pelas minhas producções musicaes... Quer reunil-as en album.

CAZUZA. Devéras! Foi este um dia de felicidades.

GABRIELLA, abstracta: -E mais completas se tornariam ellas si Eduardo me apparecesse agora. Sem elle, que me importa a gloria! que me valem os triumphos! para que o dinheiro?

CAZUZA. - Eil-a de novo apprehensiva. Não pense n'isso. Socegue seu coração. Eduardo voltará e muito breve. Não suppônho que haja no mundo quem possa esquecêl-a. O retrato com que o mimoseou ao partir, lembrar-lhe-ha as promessas juradas. Socegue esse coraçãozinho: elle casará com Vmcê.

GABRIELLA, suspirando: - Jurou-m'o.

CAZUZA. - Os homens de bem cumprem sempre sua palavra, e seu Eduardo entra n'esta conta certamente. Está gostando que lhe fale n'elle; heim? Já sorri... já sorri... Olhem a brejeira! Em se tocando na tetéa, lambe logo os beiços de contente...

GABRIELLA, realmente lisonjeada: -Que pateta! Parece-me ter ouvido a voz do avôsinho...

CAZUZA. - Pobre velho! Anda a ruminar - a sós como um idiota... E por mais pratos que dê á cachola, não atino com o que tanto póde môel-o lá por dentro...

GABRIELLA. - Não enxerga, - coitado! e isso basta para affligil-o.

CAZUZA. -Não, -não é ahi que pega o carro: diverso motivo o atormenta. Elle esconde dentro do peito um segrêdo, que sómente confia áquella secretária do tempo do onça, onde não quer que ninguem toque, como si alli estivesse encerrado um thesouro. A madrinha sabe o que ahi está guardado ?

GABRIELLA.- Eu, não! nem procuro saber.

CAZUZA. -Dizem que as mulheres são curiosas: a madrinha é uma excepção á regra... Ah! mas cá está a chavinha... Por que tral-a comsigo ?

GABRIELLA. -Ha cerca de quinze dias o avôsinho entregou-m'a, dizendo: «Sou cego. Acautela esta chave, que receio perder. Conserva-a desvêladamente, promettendo-me que nunca abrirás-sem ordem minha aquella secretária.» Jurei-o pela memoria de minha mãe, não ha muitos mezes ainda, como sabes, fallecida... Bem vês, Cazuzza, que não devo faltar a esse juramento.

CAZUZA. -Já aqui não está quem falou... Não quero mais saber de nada... Comtudo, confesso, sou de uma curiosidade...

GABRIELLA, atalhando: - Infantil. Ahi vem o avôsinho. Não lhe toques sequer na provocação, que ha pouco me referiste... Isso o amofinaria demasiado.

CAZUZA. -Qual que! Era até capaz de felicitar-me... Quem não gosta que se tire desforra de um mal-dizente?...

SCENA III

OS MESMOS; E ANTONIO BRAZ

ANTONIO BRAZ, arrimado a um bengalão. Chamando: -Gabriella ?... Cazuzza?...

GABRIELLA, indo-lhe ao encontro:- Como se sente ? como está?

ANTONIO BRAZ. -Ora, como um infeliz... (Tacteando:) Onde estás? Approxima-te. Dá-me tua mão. (Aperta-a affecluosamente.) Estende-me tambem a tua, meu malandrim... (Cazuzza enfia-lhe o braço. A Gabriella:) Você é o meu anjo bom, o amparo de um perseguido da sorte... (A Cazuzza:) E tu, bom menino, o meu constante guia... o guia do pobre cego...

Sublime missão, a de ambos! Oh, como é dolorôso haver-se perdido a vista... Conduzam-me para a poltrona.

CAZUZA, collocando a poltrona no proscenio: - Eil-a.

GABRIELLA, que o tem levado cuidadosamente para junto da cadeira, fal-o sentar. - Sente-se, avôsinho.

ANTONIO BRAZ, depois de breve pausa: - Que fizeste hoje, minha Gabriella ... Fui teu mestre, posso tomar-te contas... Trabalhaste muito á téla?

GABRIELLA. -Pouco. Emquanto aguardo a opinião da imprensa sobre o meu ultimo quadro, não me sinto animada a concluir est'outro: meu espirito vacilla a cada instante...

CAZUZA. -Mas, -Virgem Nossa Senhora! os jornaes não podiam ter sido mais favoraveis... Todos a applaudem e festejam. Si Vmcê. soubesse, avôsinho, o successo que obteve o quadro de minha madrinha... Por ahi, ninguem quer persuadir-se que da cabeça de uma mulher sahisse cousa tão boa... Em parte, é o descredito em que teem cabido as aptidões do sexo fragil... como si a nossa Gabriella, avôsinho, fosse uma mulher como as demais.

ANTONIO BRAZ, sorrindo: - (Tem graça, o pequeno, com seus extrêmos...)

GABRIELLA. -Tu me estragas, afinal, com esses elogios. Transformas-me em uma figura Superior, quando não passo de uma infeliz môça... (Comsigo:) (E bem infeliz! porquanto, si Eduardo esquecer-me, não sei o que será de mim.)

CAZUZA, que a ouvio: - Ai! ai! ai! temôl-a outra vez com a velha historia, que tanto a martyrisa.

ANTONIO BRAZ. -Que historia ?... Que é?...

CAZUZA. - Nada, avôsinho. E' a madrinha, que anda-me aqui com umas tolices... com umas tristezas sem causa...

ANTONIO BRAZ. -Tristezas?!... Por que as tens, meiga criança? Não respondes? Teu silencio me péza. Gosto de te ouvir falar... e tanto! tanto! Quando falas, parece-me que te vêjo. E lembro-me então das amenas tardes em que me era dado contemplar, contigo sobre os joelhos, as bellezas da natureza trajada de gala; recordo-me então das noites calmas, d'aquelles luars, d'aquellas estrellas, com que tanto sonham os poetas e os artistas; acodem, finalmente, inebriantes á minha memoria as auroras de fogo, cujos tons quentes eu fazia reflectir-se em minhas télas, as montanhas e as varzeas floridas, os mares, os rios marulhosos e os lagos placidos... E não mais poder enxêgal-os! Nem o céu... nem o teu semblante, que era para mim tambem um céu de alegrias ineffaveis!... Oh, como é triste ser-se cego!... (Enxuga os olhos, commovido.) Paciencia! O mal é sem remedio... Nunca mais poderei nem mesmo socorrer-me dos pinceis, que eu tanto amava... Paciencia! (Abraçando Gabriella, com effusão:) Viverei do teu trabalho, abrigar-me-hei sôb tuas glorias... E já muito... é já demasiado.

GABRIELLA, ao avó: - Não prosiga... Suas palavras aggravam minhas penas.

CAZUZA. -Cá estou eu tambem a choramigar... Ora, é bôa! Fazerem a gente chorar contra a vontade. (Enxuga os olhos na manga da camisa.)

GABRIELLA. -Não se inquietem de me vêr assim. (Apparentando calma :) Olhem eu sorrio... eu rio... e o riso é o prazer, e o prazer é a felicidade. (Suspira contrafeita, alçando os olhos ao céu.) Ah! é verdade: deve hoje procurar-nos alguém, que pretende incumbir-me de uma pintura.

ANTONIO BRAZ. -E' isso exacto?

CAZUZA. -Exactissimo. Pessoa muito séria; e rica, parece-me, porque tem mais brilhantes no peito da camisa, que dentes na bocca. Conhece de perto o avôsinho... e a madrinha também. Occupou-se de ambos com interesse e estima.

ANTONIO BRAZ. -Ouvil-o-hei com empenho.

GABRIELLA. -Cazuza, senta-te allí defronte, e lê alguma cousa para distrahir o avôsinho.. Anda.

CAZUZA. -E' a minha tarefa habitual. (Abre um livro, que toma de sobre a secretária, e senta-se junto ao velho. Gabriella retoma a palheta e os pinceis, e approxima-se do cavalléte.) O mesino romance de hontem. Continúo, ou escôlho outro?

GABRIELLA. -Sim, escolhe outro.

ANTONIO BRAZ.- Por que?

GABRIELLA. - A heroína d'esse roinance é uma pobre victima de sua primeira paixão... O homem a quem loucamente amara, a illudiu e a perdeu... (Preoccupadamente:) Mas, Eduardo não chega... Suas ultimas cartas são tão frias... tão banaes...

ANTONIO BRAZ. - Ha de voltar. Elle prometteu esposar-te, e não faltará á sua palavra... E, ai d'elle! si ousasse zombar do teu carinho... Mas, não! não ! nem mesmo quero aventurar semelhante possibilidade.

CAZUZA. Sinto tropéis na escada... Ha de ser a pessoa, que esperâmos. (Sahe.)

ANTONIO BRAZ. - Dá-me tua mão... Tens febre! O amor te exalta. Pensa no teu trabalho, e isso te calmará. Socega. Eduardo ha de voltar. Socega.

SCENA IV

CAZUZA, JORGE DE MEDEIROS, CAROLINA,

PELO FUNDO; E OS MESMOS.

CAZUZA, introduzindo Jorge e Carolina. -Entrem... entrem... Não reparem, que é casa de pobre... Sem cerimonia... (A Jorge de Medeiros:) Esta môça é a minha madrinha... a Gabriellinha... autora do quadro que V. S. tanto admirou... Foi ella quem me protegeu... quem me ensinou a lêr... e a tocar piano também, porque eu já arranho a Mascotte, a Maria Angú, o Boccacio... Sem cerimonia... Não reparem nos trastinhos... (Gabriella comprimenta Jorge e beija Carolina.)

CAZUZA. -Este é o avôsinho. Velho pintor, que teve a infelicidade de cegar. Foi o mestre da Gabriellinha... Completamente inutilizado, coitado! inda assim, está ao seu dispôr.

ANTONIO BRAZ, erguendo-se: -Humilde criado de VV. EEX.

JORGE. -Meu nome não lhes póde ser completamente estranho. Sou o coronel Jorge de Medeiros, inimigo nato dos velhacos. Amo e aprecio aquelles que vivem do trabalho honesto, e tal qualidade justifica minha presença n'esta casa. A sympathia, portanto, nos vincula desde já. Esta menina é minha filha: bôa, como o que ha de melhor... Não o digo para me gabar...

CAZUZA. -(Já se deixa vêr; sim, senhor... E que bonita!)

GABRIELLA. - Aceitâmos com todas as abundancias d'alma a estima, que nos liberalisa...

CAZUZA. -(Vê-se logo que é gente de gravata lavada... Mas, que lindeza!)

JORGE. -Pouco entendo de pintura; isso, porém, não impede que eu estime os artistas, principalmente os artistas nacionaes, e que os proteja na medida de minhas forças...

ANTONIO BRAZ. - Sua expansibilidade define-o. V. Ex. deve ser um homem de bem.

JORGE. -Quando menos, leal, sincero. Tenho o coração perto da bocca, como vulgarmente se diz. Vamos, porém, ao motivo desta visita. Minha filha casa-se.. O noivo offereceu-lhe o retrato, que os entendidos classificam de obra-prima. Pois bem: ella deseja retribuir o precioso mimo com outro, de equal valia. (A' Gabriella:) Ha pouco vi o quadro que a senhora expôz n'uma vitrina, á rua do Ouvidor. A inspiração do conjuncto, a harmonia que o alenta e rege, a bella combinação das côres, os tons, os toques de luz, tudo induz a crêr que a senhora possui a alma e o sentir americano.

GABRIELLA. - Tamanha pretensão jámais contei merecer nos meus sonhos de artista...

CAZUZA. -Isso é agora modestia da Gabriellinha... porque, olhe V. S., foi ella quem me protegeu... quem me ensinou a lêr...

JORGE. -Já sei... já m'o disseste cem vezes. (Voltando-se para Gabriella:) Carolina quer o retrato tal qual o do noivo: a aquarella, e do mesmo tamanho. E' para collocar um ao lado do outro, na minha sala de visitas. Enviar-lh'o-hei, hoje mesmo. Póde apparellhar a téla, quanto antes.

GABRIELLA. -Fal-o-hei, conforme ordena.

CAROLINA.- Si não fora o receio de tornar-me importuna, pedir-lhe-hia permissão para apreciar o seu atêlier. Tem já muitos quadros?

GABRIELLA. -Poucos... bem poucos... Entretanto, queira entrar.

JORGE. Não me proponho a acompanhá-las, por isso que sou completamente leigo na materia... A franqueza justifica-me... Demorar-me-hei aqui, conversando com este bom velho. (Carolina e Gabriella sahem pela esquerda; Cazuzza, pelo fundo.)

SCENA V

ANTONIO BRAZ E JORGE

ANTONIO BRAZ. - Então, sua menina casa-se; não é assim? Vae ser para V. Ex. um dia de verdadeiro jubilo.

JORGE. -Não tanto. Carolina é filha unica, e eu desejaria tê-la sempre a meu lado. Demás, o noivo não é completamente do meu agrado... quero dizer: não é o marido que eu imaginara para minha filha, nos meus extrêmos de pae. As minhas intenções eram outras; porém, ella quer... Não ousou contrariar-a. Cumpra-se em tudo sua caprichosa vontade. Conhecémos o rapaz em S. Paulo, d'onde ha poucos dias chegámos. Eu entretinha já relações commerciaes com um tio d'elle, e-em quarto palavras- assentámos n'este consorcio.

ANTONIO BRAZ. -Os paes carinhosos são sempre faceis de persuadir...

JORGE. -Bastante rico, accresce que o seu unico herdeiro é o meu futuro genro. Mas, por mal de meus peccados, o tal tio é tambem um estrag'albardas. Colerico, desconfiado, avarento, e-como si não fora isso bastante -tem mais pavôr aos homens, que aos microbios. Não sympathiso nada com semelhante urso, - voto-lhe mesmo natural repulsa. Mas, que remedio! minha Carolina quer... Não sei em que escola se aprende a contrariar os entes que nos são caros.

ANTONIO BRAZ. - O homem é sempre escravo das suas affeições... Si o é!

JORGE. -Presentemente, tio e sobrinho acham-se hospedados na minha chacara, ás Laranjeiras; e - sabado -si Deus não mandar o contrário, o casamento se effectuará. (Suspira.)

ANTONIO BRAZ. - V. Ex. suspira?!...

JORGE. -Não falemos mais n'isso. Emquanto a menina se distrahe a vêr os quadros, conte-me lá algum caso. Geralmente, os velhos teem os miolos cheios de engraçadas anedotas.

ANTONIO BRAZ. - Vou descrever-lhe uma phase de minha vida, que é bem uma historieta de correr parelha com a do Gato de botas. Tive um filho, a quem mais prezei do que a propria vida. Seu coração era um escritorio de virtudes. Negociante, toda sua fortuna achava-se collocada n'uma casa importadora, gerida por um socio, a creatura mais sordida que é possivel imaginar-se. Adoecendo gravemente, partio para a Europa, onde demorou-se cerca de dous annos. N'esse entretempo, o miseravel em que elle tanto confiava, de mãos dadas com outros igualmente velhacos, figurou perdas fantasticas, urdio tramas criminosos, em que meu filho, e só meu pobre filho, constituia-se culpado. Foi um desastre inesperado, produzindo as funestas consequencias que se seguem inevitaveis a esses casos. Seus committentes o acoimaram de ladrão, e como era de prevêr - accionaram-no.

JORGE. -Oh !

ANTONIO BRAZ. - Pois bem: no dia em que foi pronunciado, deu um tiro no ouvido.

JORGE. -Infeliz!

ANTONIO BRAZ. - Ficámos todos na miseria, porque elle era o nosso unico amparo; e-o que é peor ainda- corridos de ignominia e vergonha. Minha pobre mulher, que estava

entrevada no fundo de um leito, veio a fallecer; minha nora perdeu a razão; e nós aqui estâmos, á mercê de uns principios de instrucção que, em tempo, recebêra a menina Gabriella.

JORGE. -E' triste, na verdade.

ANTONIO BRAZ. - Mas, Deus nunca abandona aquelles que confiam na sua justiça. Ao cabo de poucas semanas tive as provas de innocencia do triste calumniado, provas evidentes, irrecusaveis, ante as quaes o miseravel curvará a frente, beijando arrependido as plantas de suas victimas. Elle cobrio de opprobrio minha familia, atirou-a á miseria, levou meu filho ao suicidio, mas eu vivo ainda, e posso conduzil-o a expiar seus crimes. (Levantando-se tremulo de indignação:) Si és capaz, apparece, -covarde ! ante o pae de tua victima; vem, vem, eu te emprazo, si és capaz, a affrontar a minha colera e a minha vingança! vem, vem, para que eu te transmitta uma a uma todas as minhas dôres, um a um todos os meus soffrimentos. (Deixa-se cahir abatido.)

JORGE. -Desconsolado velho!

ANTONIO BRAZ. -Sou realmente digno de sua compaixão. A perda inesperada da vista foi a ultima desgraça, que me ferio. Ah! e não poder vê-lo... Mas eu não me esqueci do tom de sua voz, e pela voz reconhecê-lo-hei.

JORGE. -Acalme-se... tranquillise-se... Que quer? Os infames pullulam ao acaso. Eu tambem os encontro a granél; e tantas, tantas vezes tenho sido victima d'elles, que não lhes dou trégoa. Oh, demasiado feliz me considero quando posso apanhar algum a geito. Si eu conhecesse, por exemplo, o patife de que me fala... Palavra d'honra dava-lhe uma lição de mestre.

ANTONIO BRAZ. -Nunca mais meus olhos poderão fital-o... Deus assim o quiz... Paciencia! Ouço a voz de Gabriella... Involuntariamente, confiei-lhe, senhor, este triste episodio de minha vida... Não o transmitta a ninguem.

JORGE, apertando-lhe a mão: -Quem lhe aperta esta mão é um homem de pundonor, capaz de tudo emprehender em seu beneficio.

ANTONIO BRAZ. - Obrigado.

JORGE. Seu infortunio nos irmana.

ANTONIO BRAZ. Muito obrigado.

SCENA VI

OS MESMOS; GABRIELLA E CAROLINA, PELA
ESQUERDA; E DEPOIS CAZUZA, PELO FUNDO

CAROLINA. -Estou maravilhada, papae. Vi trabalhos surprehendedentes. Oh, mas a Gabriella é de um talento que deslumbra. Imaginação, gôsto, execução, como nunca suppuz reunidos em uma cabeça feminina.

GABRIELLA. -A senhora é de uma gentileza sem limite.

CAZUZA, correndo e offegante; baixinho a Gabriella :-Madrinha! madrinha!... Elle chegou.

GABRIELLA, no mesmo tom: - Quem?!...

CAZUZA. Ora, quem! Eduardo.

GABRIELLA, com um grito de abafada anciedade: -Sim?!...

TODOS. -Que foi ?... que aconteceu?

GABRIELLA. -Nada... nada... (Comsigo mesma, simultaneamente rindo e chorando :) Oh, mas não se morre coração! modera-te. Expande alegria !... Não batas, de-te, minh'alma... Sorri, meus sêccos labios... Corae, ó minhas pallidas faces... Eduardo ahi está.

JORGE, que tem ido tomar do chapéo e da bengala: - Carolina, é tempo de deixarmos, embora com pezar, a amavel companhia d'esta bôa gente. (A Gabriella:) Dentro em poucas horas receberá o retrato do noivo de minha filha, pelo qual fará o outro em tudo semelhante. Sou alheio á su'arte; mas, não me falta o gôsto. Capriche, e terei um trabalho a contento de todos.

GABRIELLA - Sobrar-me-ha para isso todo e qualquer esforço. (Continúa a falar, em voz baixa, com Cazuza.)

JORGE.-Até breve. (A Antonio Braz:) Estenda-me ainda uma vez a mão. Considere-me seu natural e sympathico amigo. Já lhes disse onde residimos. Faça-se conduzir á nossa chacara, que dar-nos-ha com isso verdadeiro prazer.

ANTONIO BRAZ.-Sinceramente agradecido.

JORGE, a Antonio Braz:-Seus olhos estão vermelhos e humidos de lagrimas... Procure disfarçar o que lhe vae no fundo d'alma, para que não participe de seus pezares aquella pobre môça... Demás, na sua idade, não é bom accumular no coração depressivas emoções: ao pêso d'ellas, por vezes o coração estala. Adeus.

CAROLINA, despedindo-se:- Adeus, senhor Antonio Braz... Gabriella, até breve... até muito breve; sim? Uma circumstancia bastou para unir-nos como a duas irmãs. (Beija-a.)

JORGE. -E bastante digna se mostra ella de tua affeição.

CAZUZA, batendo-lhe fortemente nas costas: - E eu que o confirmo... Pois si ella é extremamente bôa... Foi quem me ensinou a lêr... a ter proposito... e até a dansar; percebe?

JORGE.- Estou cansado de te ouvir esse estribillo... (Despedindo-se:) Até a primeira.

ANTONIO BRAZ E GABRIELLA. - Não se esqueçam de nós...

CAROLINA E JORGE. - Nunca.

ANTONIO BRAZ. - Cazuza, acompanha-os... A escada é tão ingreme...

(Jorge e Carolina retiram-se pelo fundo; Cazuza segue-os.)

SCENA VII

GABRIELLA E ANTONIO BRAZ

ANTONIO BRAZ.-Gabriella, conduz-me a meu quarto... Preciso repousar a cabeça.

GABRIELLA, observando-o:-Que ha? que tem o avôsinho!... Ainda agora reparo: parece-me tão conturbado!

ANTONIO BRAZ. -Nada... nada... Carêço apenas de descanso.

GABRIELLA. - Como empallideceu de repente... Que houve entre o avôsinho e esse senhor que acaba de retirar-se?

ANTONIO BRAZ. - Conversámos sobre futeis assumptos da nossa mocidade, por exemplo... dos bellos tempos que não tornam...

GABRIELLA. -E dos nossos infortunios, talvez...

ANTONIO BRAZ.- Mas, estou calmo... já estou calmo... Passou. Cuida do teu trabalho... Por minha parte, sinto-me feliz... muito feliz... porque tu aqui estás. Conduz-me ao quarto. (Sahe pela direita, guiado por Gabriella, volta que logo.)

SCENA VIII

GABRIELLA, sósinha.

GABRIELLA. -Bom avôsinho !... Disfarça os seus soffrimentos para não azedar ainda mais as minhas mágoas; mas, Deus meu! si eu tambem faço a mesma cousa: rio-me para conter o pranto; e quando choro, as lagrimas não acodem aos olhos, porque m'as engole o coração. Eduardo acaba de chegar, e elle é o unico conforto ás minhas desesperanças. Depois de tantos mezes de ausencia, vêjo-o afinal... Desta janella avistal-o-hei quando assomar... (Vae á janella.) Entretanto, elle tarda... (Soffrega:) Que haverá? que teria acontecido ... Ah! eil-o que vem... Atravessou a rua... dirige-se para aqui... Não! enganei-me... enganei-me... Não póde ser elle, porque seu trajo é elegante e vistoso, em- quanto que o meu Eduardo é pobre e sem exterioridades. Porém, sim... é elle... é bem elle... eu o reconheço... Entrou... (Descendo rapida ao proscenio:) Ah! Como me bate o coração... Desfallece-me o animo... (Encaminhando-se para a porta:) Eduardo !... meu Eduardo!...

SCENA IX

EDUARDO, PELA PORTA DO FUNDO; E GABRIELLA

EDUARDO, abraçando-a friamente: -Gabriella...

GABRIELLA. -Será possível ? !...

EDUARDO. -Não me esperavas?

GABRIELLA. -Ha muito, e com a maior anciedade. Por que passaste dous mezes sem me escrever? dous mezes; - entendes?!-- uma eternidade para quem ama! E na tua ultima carta, que tantas vezes devorei com os olhos em pranto, por que tanta frieza, por que tamanha indiferença?

EDUARDO.- Perdoa-me: um complexo de circumstancias absorvia-me n'aquella occasião.

GABRIELLA. -E que outras cousas te forçariam assim a, esquecer o nosso amôr. Eu, de minha parte, só tenho vivido por ti: sonhava com a tua promessa, e chorava para resignar-me. Vou chamar o avôsinho; sim? (Encaminha-se para a esquerda.)

EDUARDO.- Não... não vás...

GABRIELLA. -O velhinho lembra-se tanto de ti... Consente que o chame.

EDUARDO. - Não... não o chames. Apenas posso demorar-me contigo breves instantes...

GABRIELLA, surpresa: -Que dizes?!... Breves instantes ?... (Com effusão:) Amo-te tanto, Eduardo...

EDUARDO.-Amanhã... amanhã conversaremos. Communico-te que minha sorte mudou como por encanto. Um parente, que eu não conhecia, procurou-me, e acena-me com um futuro promettedor. Sou rico, eis tudo. Rico, comprehendes ?

GABRIELLA. - Rico? Que significa isso? Explica-te. Não te entendo.

EDUARDO. -Talvez me supponhas extrêmamente ambicioso; contigo, porém, posso expandir-me. Presentemente, horrorisa-me a miseria. Aquella apparente calma no infortunio, que tanto exalçavas em mim, ser-me-hia hoje intoleravel. Desquitado dos meus passados andrajos, sinto ensoberbecer-me, preciso subir, subir muito, adquirir relações, elevar-me com o meu nome e com o meu dinheiro... E conseguil-o-hei. Para realisação desse desideratum, tudo sacrificarei.

GABRIELLA, vivamente abalada: -Tudo!... Ai, como me assustas com a subita transformação dos teus idéaes!... Tudo?!... Eu contava ouvir de teus labios phrases de amôr... palavras carinhosas; mas a frieza do cálculo, a sordidez do interesse, a malfadada ambição, jámais, jámais pensei dominarem em tu'alma. (Com transporte :) Apesar d'isso, não me trahiste ? não me esqueceste?

EDUARDO. Nunca! Só a ti amo....só a ti amarei...

GABRIELLA. -Tenho uma rival poderosa, a ambição. Não é verdade, Eduardo? Não sou ciumenta, -- não te assustes! mas,-pela Santissima Virgem! eu queria-te antes tão pobre, tão pobresinho, como quando d'aqui sahiste em busca de modesto emprego para effectuar-se o nosso casamento.

EDUARDO.- Cala-te... Eu era um miseravel, apenas.

GABRIELLA, com meiguice:- Não bastam meus affagos á tua felicidade? Não respondes? Trabalhei contando contigo... e sómente por ti. A minha Marília de Dirceu, a téla, cujo assumpto me suggeriste, está concluída. Dizem que o Governo m'o comprará. E agora a minha felicidade se completa com a tua chegada.

EDUARDO.- Querida Gabriella !... Fôrçoso é dizer-te: por estes dous dias, talvez, de novo te deixarei.

GABRIELLA. -Deixar-me ?!...

EDUARDO. -Não te exasperes...

GABRIELLA, attonita: -Deixar-me?!... Oh, fôra uma tyrannia! Que te obriga a isso ?

EDUARDO. -Negocios... transacções que me preparam um dourado futuro, um nome brilhante, a posição vantajosa de que ha pouco te falei, reclamam a minha presença muito longe d'aqui. Mas, corresponder-me-hei contigo... escrever-te-hei a miudo...

GABRIELLA. - E poderei porventura ter animação e coragem para o trabalho, sem que estejas a men lado?!... Oh, não! não mais te apartarás de mim.

EDUARDO. -Que queres! Sou coagido por inquebrantavel compromisso...

-

GABRIELLA. - E a palavra que me empenhaste ?

EDUARDO. -A minha palavra (Confuso:) Não a esqueci. Falemos na minha promessa. Por que não? Amo-te hoje, como te amei outr'ora. Duvídas acaso? Queres uma prova Peço-te que participes desde já das abundancias de minha fortuna. A sorte negou-te seus beneficios, - és pobre e carinhosa, não será, portanto, offender tua susceptibilidade exigir que recibas sem escrupulo...

GABRIELLA, altiva. - Dinheiro, talvez !... N'esta casa, onde se abrigou uma vez a miseria, só se aceita o dinheiro que vem do trabalho. Senhor, rejeito com affronta sua esmola.

EDUARDO. -Por que? Não traduzirá a offerta espontanea e desinteressada de um amigo? Por tua parte, te antecipaste presenteando-me com o meu retrato, tirado por tuas obsequiosas mãos? Pois bem: pódés do mesmo modo aceitar o mimo, que aqui te trago, não como humilhante retribuição, mas como penhor de amisade.

GABRIELLA, erguendo-se soberba, bate-lhe violentamente na mão, fazendo saltar o envelope que Eduardo tirara do bolso. - Não!

EDUARDO. -E's livre n'esse teu proceder... Não obstante, eu parto.

GABRIELLA. -E o pobre velho?

EDUARDO, tomando do chapéo: - Faze-lhe, de minha parte, cumprimentos de despedida...

GABRIELLA. -Perfido!

EDUARDO. -Tu te illudes. Amo-te, como outr'ora. Mas, compromisso por mim tomado,- fatal compromisso ! exige que me separe de ti. Adeus! Sou mais digno de lástima, que de accusação. (Sahe acelerado.)

SCENA X

GABRIELLA, só

GABRIELLA, como que fulminada :-A sêde de ouro mirrou-lhe os sentimentos mais puros... O afan das riquezas arrebatou-m'o para sempre, talvez !

SCENA XI

ANTONIO BRAZ, PELA DIREITA; E GABRIELLA

ANTONIO BRAZ aproxima-se lentamente.

GABRIELLA, proseguindo, sem vél-o: - Suas palavras, como a lamina de um punhal, retalharam-me o coração... O' Deus! E' possivel que elle me haja esquecido? Eduardo será tão deshumano, que minta á sua promessa?

ANTONIO BRAZ. -Que dizes, Gabriella!!

GABRIELLA, lançando-se-lhe nos braços: - Sou bem desgraçada!

ANTONIO BRAZ. -Que é isto? que proferes ?

GABRIELLA. -Eduardo voltou.

ANTONIO BRAZ. -Quando?

GABRIELLA. -Esteve aqui ha poucos instantes.

ANTONIO BRAZ. -E não me chamaste ?

GABRIELLA. -Elle não consentio...

ANTONIO BRAZ. -Não consentio? ... Gabriella, teu corpo abraza... e me inundas a face com tuas lagrimas.. Gabriella? Fala... fala... fala, -por Deus! revela-me o que ha.

GABRIELLA. -Eduardo já não é pobre, como nós.. Alcançou uma grande fortuna... A ambição desvairou-o a ambição sacrificou-lhe o amor.

ANTONIO BRAZ. -E trahe sua palavra; não é assim?

GABRIELLA. -N'estes dous dias partirá de novo... e quicá para sempre.

ANTONIO BRAZ. -Oh, que pensamento infernal apo. Cera-se de meu espirito... (Exaltando-se:) Perfido!... Índigno !...

GABRIELLA. -Accommode-se, avôsinho...

ANTONIO BRAZ. -Trahir-te !... illudir uma pobre e indefensa creatura... Oh, o miseravel!

GABRIELLA. -Acalme-se... Eu lh'o supplico.

SCENA XII

CAZUZA, ENTRANDO PELO FUNDO; E OS MESMOS.

CAZUZA, offegante: -Ai, avôsinho!... Ai, Gabriellinha!... Mas, não... não digo... não devo contar.

GABRIELLA. -Que é?

ANTONIO BRAZ. -Ainda outra desgraça?

CAZUZA. -Talvez... Si for verdade, merece que o esganemos...

GABRIELLA. -Explica-te.

CAZUZA. -Encontrei ha pouco o Eduardo... Um! que apelintrado estava ! Parecia um boneco de engonço.... todo têso... assim... assim... como si tivesse engulido uma bengala...

GABRIELLA. -Acaba...

ANTONIO BRAZ, soffrêgo: -Sim, acaba...

GABRIELLA, deixando-se cahir n'uma cadeira: -Deus!... Deus meu!

ANTONIO BRAZ. -Infame!

CAZUZA. -«E a Gabriella, a tôlinha que morria de amôres por ti, que fim levou? abandonaste-a?» interpêlou o terceiro da roda. E o nosso santarrão, sem titubear, assim retrucou: «E' uma boa môça, mas pobre... muito pobre... »

ANTONIO BRAZ. -Infame!

CAZUZA. -E deitei a correr... a correr, como quem furta, para dar-lhes esta triste noticia.

GABRIELLA, erguendo-se; com forçu: -Pobre! E como sou pobre, ultraja-me e affronta-me com o seu dinheiro.. Oh, maldito seja o amor que se compra a dinheiro.

SCENA XIII

OS MESMOS EO CRIADO

O CRIADO, com um quadro envolvido de filó. A' Gabriella: -O Šñr. coronel Medeiros manda trazer a V. Ex. este retrato. (Entrega-lh'o e retira-se.)

GABRIELLA, descobrindo o quadro, que o criado collocara no cavalléte, desprende um grito: -Céos !

CAZUZA. - Que é isto ?

GABRIELLA.-O retrato de Eduardo... o retrato que eu propria desenhei e lh'o offereci !... O ingrato destinou-o a outra mulher!

ANTONIO BRAZ. -Tu te illudiste, talvez...

GABRIELLA, desconsolada e triste: -O coração presagia...e eu acabo de tudo desvendar.

ANTONIO BRAZ. -Não é possível... Custa a crêr... Passa-me este retrato... dá-m'o cá... quero certificar-me... quero enxêgal-o com meus proprios olhos para acreditar em tamanha abjecção. (Agarra no retrato com as duas mãos, suspende-o deante dos olhos; ao lembrar-se, porém, que é cego, solta um grito de desespero, exclamando:) -Desgraçado de mim! A minha cegueira foi a porta aberta, que o miseravel encontrou para tripudiar por sobre a sua impunidade e a tua deshonra.

GABRIELLA, depois de breve pausa, animando-o: - Coragem, avôsinho... Não se irrite mais... Venha commigo... (Tira-lhe o retrato das mãos, e condul-o para junto da janella.) Não sente rumorejar a brisa tão doce e acariciadôra? Vem das bandas em que outr'ora, em tempos mais felizes, plantaste aquelle arbusto, que ainda esta manhã desatava-se nas mais lindas flores... Por vezes o vento a despio de sua folhagem, por vezes o sol haurio-lhe a seiva... Não obstante, o arbusto campêa de pé, desfôlhado, -qu'importa mas firme, isolado, sim, porém altivo em sua soledade. O incidente, que acaba de nos ferir, ceifou todas as minhas inspirações, dissipou todas as minhas illusões, que eram tambem as suas esperanças todas, - as suas unicas alegrias; a imagem da Fé, entretanto, conserva-se intacta em minh'alma, e ella nos protegerá contra as vilanias do mundo, contra os temporaes desfeitos da sorte... Coragem, bom avôsinho, coragem. O heroismo está em alentar a vida quando o sopro da morte pouco a pouco nos asphyxia o coração... (Com piedôso sorriso :) A resignação é o balsamo que o martyr do Golgotha reservou ás angustias d'aquelles que soffrem, é orvalho matinal desfiando em gôttas sobre as feridas dos que confiam em Deus! Consolemo-nos, pois, sorvendo embora, trago a trago, a amarga lia que o infortunio ainda nos possa proporcionar. Resignação, firmeza e coragem, consternado velho.

(Abraçam-se com extrêmécimento, levantando ambos o rosto para o céu.)

SEGUNDO ACTO

Salão de baile. Flôres e espêlhos.

SCENA I

JORGE E O BARÃO, ENTRANDO POR LADOS OPPOSTOS; e AMBOS EM VESTUARIO DE CEREMONIA

JORGE. Tudo prompto, meu barão?

BARÃO, sombrio: -Sim.

JORGE. -Ainda bem. Não gosto das cousas muito demoradas... Desejo que tudo se faça do melhor modo, e sem delonga.

BARÃO, seccamente: -Tem razão.

JORGE.-Tem razão! É o seu estribilho favorito, Sfir. barão de Villa Nova do Amorim; n'estas duas horas, V. Ex. tem-n'o repetido cem vezes, acompanhado sempre de um olhar tão resabiado que me faz especie. Com mil balázios! Vou falar-lhe com a franqueza, que me é habitual. Começo a desconfiar d'esse sen modo apprehensivo. Parece que nos associámos antes para acompanhar um entêrro, do que para unir dous entes queridos.

BARÃO, sorrindo contrafeito: -Acha-me então contrariado?

JORGE. -Simplesmente patibular.

BARÃO. -Como se engana, meu caro. Acaso, em um dia como este, posso deixar de sentir as alegrias do parente dedicado e affectuoso?

JORGE. -Tanto melhor: eu contava com essa resposta, tão formal, quanto sincera. E já que nos achâmos a sós, assentemos os nossos negocios como dous bons camaradas. Acanha-me o que passo a dizer-lhe; mas, quando um pae decide da sorte de sua filha, cumpre-lhe desobrigar-se até com a propria consciencia.

BARÃO. -Explique-se.

JORGE. -Conforme prévio ajuste... Sim. porque negocio, é negocio... e deve-se falar claro. Conforme prévio ajuste, transferi para minha filha, como presente dotal, duzentos contos de réis; mais tarde, entretanto, penso instituil-a herdeira unica de quanto possúo. Mais tarde, disse eu, pois, espero em Deus, esse prazo se prolongará por dilatadissimos annos.

BARÃO. -Somos todos mortaes.

JORGE. -Desgraçadamente assim é. V. Ex., de sua parte, prometeu que daria a seu sobrinho cem contos de réis em bôa moeda...

BARÃO. -Cem contos. É uma conta redonda.

JORGE. -Mais tarde, no caso de fallecimento, herdará o resto.

BARÃO. -Pois que! Uma tal previdencia quando estou em pleno gôzo da mais invejavel saúde ?!...

JORGE, imitando a inflexão de voz com que o barão accentuou ha pouco essas mesmas palavras: Oh, mas somos todos mortaes...

BARÃO. -Já sei... já sei... Tanto mais quanto não é a vida o objecto, que mais prezo.

JORGE. -Oh, quanta abnegação!

BARÃO. -O dinheiro é o meu idolo, confesso.

JORGE. - É o de todos; mas, o dinheiro que procede do trabalho legitimo e honesto.

BARÃO. - Não sou avaro.

JORGE. -Não digo isso. Todavia, creio que -por amôr do ouro -V. Ex. é capaz de todos os esforços...

BARÃO. -Certamente... (Suspirando:) E fil-os.

JORGE. -V. Ex. deu ás suas palavras tal expressão, dir-se-hia ter já victimado que a julgar por ellas alguém.

BARÃO, forçando um sorriso: - A interpretação é de máo gosto. (Mostrando um papel:) Aqui tem a escriptura dotal.

JORGE, examinando-o: - É isto mesmo... Perfeitamente em regra. (Restitue lh' o.)

BARÃO. Muito satisfeito deve estar meu sobrinho. Vivia por ahi, isolado e triste, sem um vintem no bolso, sem eira, nem beira, e por conseguinte levado á conta de um pobre diabo. Encontrei-o á aventura, em S. Paulo, procurando collocação no commercio; dei-lhe a mão, e de uma assentada -caso-o com uma môça bonita e passo-lhe parte de minha fortuna... Oh, sua gratidão não deve ter limite! (Suspirando :) Custaram-me tanto a ganhar, aquelles cobrinhos... Não me peza isso, -dou-os por muito bem empregados.

JORGE. Tanto melhor. Que o céo centuple seus bens.

BARÃO, rindo-se: - Agradeço-lhe a espontaneidade... e lh'a retribuo com a mesma generosidade d'alma.

SCENA II

OS MESMOS; E EDUARDO, ENTRANDO PELO FUNDO

EDUARDO, a Jorge: - Senhor coronel, creio que o procuram... Talvez sejam já os padrinhos.

JORGE. -Não tardarei. Tu tambem, Eduardo, pareces-me triste e preocupado, como quem caminha para um supplicio. Com mil bombas! Isso não é natural, isso me aborrece e contraría, pois imprime á mais festiva das ceremouias um aspecto completamente diverso.

EDUARDO, affectando sorrir: -Mera supposição... Estou até verdadeiramente satisfeito...

BARÃO. -Tambem o rapaz não ha de andar aos saltos, como quem perdeu o sizo.

JORGE. -De accordo. Mas, inda nas cousas mais aparentemente insignificantes se confirma a minha suspeita. Os olhos trahem-lhe involuntarios o pensamento. Por meus peccados! Abram-se lealmente, como de estylo entre cavalheiros. (4 Eduardo:) Si, casando-te com minha filha, receias sacrificar-te, é tempo ainda: escusam-se os padrinhos, despacha-se o coupé, dá-se a esportula ao padre, e não se fale mais n'isso.

BARÃO, que se tem adeantado, lança reprehensivo olhar ao sobrinho. -Que está ahi a dizer, coronel?!... Desmanchar assim um enlace tão de accordo com a nossa vontade, e com os desejos dos noivos ?...

EDUARDO, interrompendo-o com precipitação: -Seria até uma crueldade... V. Ex. não ignora o carinhoso affecto que sua filha se digna votar-me.

JORGE. -Precisamente por conhecer a paixão em que a pobre menina se consome, e convencido de que a tornarás feliz, consenti n'essa união; mas, nem por isso devo expôr-me á tortura de vê-los a todo momento de semblante contrafeito, olhares pezarosos, murmurando palavras de variavel interpretação.

BARÃO, a Jorge, apontando para Eduardo: -E' um inexperiente... um pateta.

JORGE, a Eduardo, travando-lhe o braço: - A caminho, pois, meu caro genro, e prepara-te para os encantos de um novo estado, entretecido dos mais ineffaveis prazeres. Oh, saudosos tempos de outr'ora! Quando os rapazes se casavam, julgavam-se venturosos, duplamente venturosos, pois antecipavam-se as alegrias esperadas; hoje, - com a bréca! não sei até o que fazem da propria malicia... São... são uns bôbos! como muito bem os classificou alli o barão. Com licença. Vou vêr quem primeiro nos honra com sua presença. (Sahe.)

SCENA III

EDUARDO E O BARÃO

BARÃO, a sós com o sobrinho, espalha desconfiado olhar em torno da sala; verificando que ninguem os espreita, encaminha-se rapidamente para Eduardo, articulando com reprimida colera: -Canalha!

EDUARDO. -Meu tio !

BARÃO. -Quasi deitaste tudo a perder... Peste, que és !...

EDUARDO. -Mas...

BARÃO.. -Desastrado! Estás amuado, e isso basta para trahir-te. Quando têmos o diabo nas tripas, é justamente quando os olhos devem apparentar mais serenidade, e os labios entreabrir-se em sorrisos. Sempre foi esta a minha regra.

EDUARDO, enfiando os dedos nos cabellos: -E'-me tão difficil fingir...

BARÃO, sempre com a voz abafada: - Custa, sei bem, mas não ha remedio. Toleirão ! O mundo assim o exige... E nós vivemos no mundo; percebes? Lembra-te que siestas nupcias não se realisarem, não me responsabiliso pelos meus impetos, advertindo-te mais de que ficaremos perdidos para sempre

EDUARDO, pezarosamente: - Sua vontade se cumprirá, meu tio.

BARÃO. -Ainda bem. Escuta aqui, baixinho, ao ouvido, pois a alma dos negocios é o segredo. Nós... quero dizer, eu e o brutamonte, já estipulámos os dotes.

EDUARDO, sorrindo: - Já?!...

BARÃO. -O coronel, como sabes, é rico... é riquissimo... e, por seu fallecimento, toda sua fortuna passará á filha, que é unica... Será, portanto, tambem nossa... Nossa! (Esfregando

as mãos de contente:) Nossa! Estou velho... sinto-me acabrunhado... e, mais do que os annos, os desgostos atropelam-me a saúde... Nunca t'o revelei, mas tenho soffrido muito, muito... como não imaginas, como não calculas... Qu'importa! assim deveria ser, assim seja. Diabo leve o homem que se acobarda em caminho, e retrocede. Tudo ou nada: eis a minha divisa. Aperta esta mão, Eduardo... (Pega-lhe na mão, deixando-a cahir subito.) Ambas se confundem na mesma febre... Parece que tenho o inferno a abraçar-me as visceras...

EDUARDO. -Não o comprehendo, meu tio...

BARÃO. -Estimo devéras isso. Previno-te, entretanto, de que convém, sem tardança, deixarmos o Rio de Janeiro.

EDUARDO. -Certamente. Foi uma das minhas condições ao coronel.

BARÃO. -Esta cidade asphyxia-me. Demás, um homem, como eu, habituado á vida activa do commercio, não póde entregar-se á inercia. Voltemos para S. Paulo; e de lá, tu, Carolina, e eu, seguiremos para Santa Catharina, para o Rio da Prata, para a Terra do Fôgo, para a Patagonia... ou mesmo- que sei eu?! - para o fim do mundo, menos regressar a esta tediosa cidade. Dizem que o Rio de Janeiro é um céu aberto... Pois seja ! mas a atmosphaera d'este céu comprime-me os pulmões, abafa-me, suffoca-me... Quanto mais longe estiver d'aqui, tanto mais livremente respirarei.

EDUARDO. -Por que?

BARÃO. -Não t'o posso dizer. Eu preferiria refugiar-me entre tribus ferozes, no recesso das florestas, em uma ilha não descoberta... Lá, correr-me-hia a vida mais tranquilla, sem as attribuições que me assaltam, sem receio de ser a todo o instante surprehendido... perseguido...

EDUARDO. -Meu tio, por que taes temôres ? !...

BARÃO. Oh, é uma expiação! Cala-te, não me interrogues... não reveles a ninguem o que acabas de ouvir. Retiro-me para o salão. Desgraçado, que sou ! Novo tormento! Quando olham para mim, sinto-me estremecer... Parece que todos devassam de um relance o fundo turbado de minha consciencia. Que não possa uma triste creatura isolar-se do mundo, soffrendo exilado e, a sós, as torturas de seu remorso!... (Sahe apressadamente.)

SCENA IV

EDUARDO, só

EDUARDO. - Meu tio é realmente infeliz. Carrega gemendo sua velhice, como eu arrasto pesada minha desditosa mocidade. Gabriella! Os fados separam-me de ti... para sempre. Para sempre ?!... Que digo? Mentira !... Falta-me o alento para tamanha ingratição! Depois de tantas promessas... de tanto amôr votado... ser-me-hia impossível esquecêl-a... Não! não! Velarei por ella... e nada lhe faltará. Tenho dinheiro... meus cabedaes hão de multiplicar-se... e então, então possuirei com que franquear-lhe todos os gozos da vida... com que dourar-lhe a existencia, até.

SCENA V
O MESMO E CAROLINA

CAROLINA, vestida de noiva. Traz consigo o véo e a respectiva grinalda de flores de laranjeira. -Eduardo, eu andava mesmo á tua procura..

EDUARDO, que vae ao seu encontro, beija-lhe a mão. -Devéras ?

CAROLINA. -Quero a tua opinião sobre a minha toilette...

EDUARDO. -E' alva da côr dos lírios... alva como a pureza do teu coração; e tão elegante, qual és em tua simplicidade dos verdes annos.

CAROLINA. -Lisongeiro! Vê como são as cousas. Ha poucos dias, quando fomos á cidade, estive accidentalmente em casa da minha costureira uma môça, que mandou fazer um vestido de igual feitio, porém de côr diametralmente opposta: em vez de branco, era prêto.

EDUARDO. Prêto !

CAROLINA. -Essa coincidencia impressionou-me bastante. Foi Gabriella.

EDUARDO. -Gabriella?!... -

CAROLINA. - Sim: autora de uma téla, ultimamente premiada em concurso.

EDUARDO. -Tu a conheces ?

CAROLINA. -Conheço-a. Admiro em extrêmo seus

EDUARDO, com vivacidade: -E' uma môça interessante; não achas ?

CAROLINA Tão bella, quanto intelligente... Brilham-lhe os olhos como duas estrellas. Coitada! Merecia encontrar um marido que a idolatrasse.

EDUARDO, suspirando: -E certamente encontrará...

CAROLINA. -E' tão meiga, a Gabriella... tão simples... tão destituida d'essa vaidade que, em geral, acompanha o verdadeiro talento... Si eu fosse homem, apaixonar-me-hia por ella.

EDUARDO. -Realmente...?!

CAROLINA. - Com todas as véras d'alma. Não obstante sua pobreza, seus encantos seduzem, fascinam. Supponho que não estás longe de concordar commigo... Não é verdade que a adorarias tambem ?

EDUARDO. -Eu?!... eu só a ti rendo fervente culto... a ti, que concentras n'ess'alma tudo que a natureza creou de acrisolado e celestial.

CAROLINA. -Creio-te com segurança. Perdoa-me si te susceptibiliso: mas, quizera ouvir de teus labios essa mesma phrase, repetida innumeradas vezes. Oh, não te magões por isso... A todo o instante duvido de teu affecto. A tristeza de teu semblante, o desordenado de teus gestos, a glacial indifferença com que te pronuncias, tudo golpêa-me o coração, gerando-me

fataes temôres. Não te aggraves; mas, momentos ha em que eu seria capaz de jurar que me não amas. Illudo-me; não é assim? Que culpa tens de ser-te - ás vezes- o espirito nublado: é uma questão de temperamento.

EDUARDO. -Meiga e carinhosa Carolina...

CAROLINA, ao espelho, pregando a grinalda e o véo. -Oh, mas a alegria surgirá... Não raro, a felicidade nos perturba e atordoa... E's geitoso, Eduardo? Arrepanha-me aqui este véo... Assim... assim... mais para o lado esquerdo... Muito bem. Toma este grampo... Prende-o agora ligeiramente... Um pouco mais para baixo... Assim... Acertaste... Perfeitamente. Não te fazia por tal modo habilidôso... Está muito bom.

SCENA VI

GABRIELLA, ASSOMANDO AO FUNDO; E OS MESMOS

GABRIELLA, trajada de luto. Envolve-lhe a cabeça, o collo e os braços, longo véo á hespanhola. Pende-lhe de uma das mãos o retrato de Eduardo, envólto em filó. Apenas transpõe o limiar da porta, depara os noivos; estaca subito, deixando escapar breve e suffocada exclamação de surpresa: Ah! (Não tendo sido apercebida, escuta-os anhelante.)

EDUARDO. -Ainda um momento, Carolina.. (Ageita-lhe carinhoso a grinalda de flores de laranjeira.) Agora, sim... estás muito bem. Não imaginas como esta grinalda te assenta... Ficas linda... linda... tão linda, como uma illusão sonhada.

CAROLINA. - Marilia, a musa inspiradora das canções de Dirceu, cinge, no premiado quadro de Gabriella, uma capella de rosas pallidas.

EDUARDO.-Si te houvesse conhecido Gabriella quando idéara a noiva do poeta desterrado, outro não teria sido o modelo sinão o teu rôsto, e tua arrebatadora formosura.

CAROLINA. Teus exagêros me vexam.

EDUARDO. -As môças deviam ser inconscientes de seu valôr pela belleza, pois, quando o são, tornam-se verdadeiras tyrannas. (Beijando-lhe a mão:) Volto já. Vou fazer minha toilette de noivado.

CAROLINA. Não tardes... Quero vêr-te elegante, a fazer inveja ás outras môças.

EDUARDO, beijando-lhe de novo a mão: -Sim, meu amôr... (Procura beijal-a na face, Carolina desvia-se; Eduardo, insistente, beija-lhe o collo; e sahe pressurôso.)

CAROLINA, affectadamente: - Teimôso !... e máo !...

GABRIELLA, com voz surda: - Deus!... meu Deus! (Oppressa e profundamente abalada, deixa cahir a téla, que sobraça.)

CAROLINA, voltando-se assustada: -Gabriella !... Gabriella aqui!...

GABRIELLA, dominando-se a custo: Venho naturalmente perturba-a; não é assim?...

CAROLINA. - Ao contrário... Sua visita é, para mim, tão sómente motivo de prazer... Quero-a tanto...

GABRIELLA. - Seu rôsto está calmo e risonho... A senhora é feliz?

CAROLINA. - Muito... Oh, muito!

GABRIELLA, áparte: -(Muito, disse ella !... E com que fervôr d'alma !) (Alto:) E assim deve ser, pois a senhora acha-se vestida de branco e de gala como para um festim de nupcias... (Dolorosamente :) e eu, eu, de negro e crêpe, como quem se levantou de orar sobre um sepulchro ainda aberto. Ha d'essas antitheses na vida!

CAROLINA. - Meu noivo ainda ha pouco d'aqui se retirou... Não o viu?... E, por notavel coincidencia, falava-me a seu respeito...

GABRIELLA, surpresa: -Falava a meu respeito !... E com a senhora !! (Refreando a emoção que, ao primeiro assalto, the produziram aquellas palavras:) Ah, sim... sim... Tem razão... Agora me recordo: quando aqui entrei, pareceu-me realmente ouvir pronunciar o meu nome, simultaneamente com o de Marilia.

CAROLINA. - Eduardo comparava-me, - fantasias de namorado! com a idéal de Dircêu, que a senhora retratou com tanta expressão e vida.

GABRIELLA, gradativamente emocionada: - Marilia?!... Disse bem :- - ella, a minha companheira de alegrias e de pesadumes! ella, a minha idéalisação, que tantas vezes testemunhou, quando eu a esboçava, os meus-ais! e as minhas lagrimas, as minhas confidencias e os meus esperançosos sorrisos; ella, finalmente, que viu arfar-me os seios e tremer-me os labios aos beijos quentes do amor... Marilia, porém, foi venturosa no mundo em que acordara, immortalisada pelo poeta que a divinisara... ao passo que eu !... eu!... Misera, que sou!

CAROLINA. -Que quer dizer? Explique-se.

GABRIELLA, acalmando-se: -Nada... nada.... Uma nuvem, que passou... E este meu coração que não sabe calar dentro do peito... Aquieta-te, insensato! De que te valeriam inuteis expansões?... Mas, agora reparo que a estou talvez importunando. Venho apenas dizer-lhe que, por motivo estranho á minha vontade, não posso dar conta da incumbencia do seu retrato...

CAROLINA. - Inesperada decepção... E eu, que contava tão agradavelmente surprehender meu Eduardo...

GABRIELLA, tenta debalde suffocar as angustias, que lhe vão n' alma; momentos depois, prosegue: -Adiará apenas a projectada surprêsa.... cumpril-a-ha em brevissimo tempo... Por que não ... porém mais de espaço... um pouco mais tarde .. Sinto-me mal... sinto-me doente... Aqui (Apontando para o coração.) e aqui (Indica a frente.)... Não posso contar com as minhas energias, que se abatem dia a dia... Na vida do artista ha d'estas crises; mas, as crises conjuram-se... E este meu estado ha de dissipar-se... Ha de dissipar-se... (Com riso forçado :) Sim, eu me imponho: ha de dissipar-se... (Com riso entrecortado e frenetico:), porque assim quero... porque assim é mistér... (Mudando de tom:) Distingui, ao entrar, convidados reunidos nos salões... Seus vestuarios eram para festim solemne, e em suas physionomias a satisfação transluzia ininterrompida: prepara-se naturalmente ruidôso saráo; não é assim? Alguma

commemoração aniversaria... algum d'esses regosijos que exornam os lares de assignaladas recordações; não é verdade?

CAROLINA, alegremente: -Sim: caso-me hoje.

GABRIELLA, desalentada, reanimando-se após: Ah!

CAROLINA. - Agora noto que sua vista se obumbra... que sua razão vacilla... Não adivinha que tudo o que vê, que tudo que observa é o preludio de meu enlace matrimonial, que hoje se firma com Eduardo?

GABRIELLA, mais desalentada ainda, porém de novo reanimando-se: -Devéras?!

CAROLINA. -Que tem? Que sente?

GABRIELLA. -Não tinha feito reparo nas flores de laranjeira. Mas, logo hoje!!...

CAROLINA. Irrevogavelmente.

GABRIELLA.-Irrevogavelmente ? !... Ah, tem razão.... tem razão... Eu ignorava... eu ignorava... (Forçando o riso, e a furto engulindo as lagrimas:) Folgo demasiado por sua futura felicidade... desejo-lhe mesmo infinitas alegrias... Está muito satisfeita; não é verdade?

CAROLINA. Oh, sim! sim... porque, o juro, amo loucamente meu noivo.

GABRIELLA, com profunda ironia de dór: -Loucamente ? !... (Arrastando a custo as palavras:) E elle... elle retribue-lhe nos mesmos extrêmos ?...

CAROLINA. Com o maior transporte d'alma. Ainda ha pouco, quando a senhora appareceu, Eduardo protestava-me eterno amôr.

GABRIELLA, conturbando-se:-Eterno !... (Reprimindo-se:) E quem, ao vê-la, s'esquivará de adoral-a!... A senhora é tão boa !... tão linda !... (Agitando-se :) Ainda uma pergunta... uma unica: ha muito se correspondem?...

CAROLINA. -Ha cinco mezes, apenas. Encontrámo-nos em São Paulo, onde passavamos o verão. Nossos corações comprehenderam-se logo ao primeiro instante. Poucos dias depois, meu pae convidou-o para nossa casa. Eduardo, aproveitando-se d'essa circumstancia, offereceu-me o seu retrato, dizendo: » Guarda este retrato; encommendei-o para offertar-te; o pincel que o traçou é de uma formosa mulher, que é tambem uma artista de aureolado merito; acceita-o como impallidecida lembrança do muito que prézo tua affeição ».

GABRIELLA, reprimindo uma explosão de raiva: -Elle disse-lhe isso ?!...

CAROLINA, com pureza e ingenuidade: - Textualmente.

GABRIELLA. -Seu noivo merece sem dúvida que a senhora o ame... e muito... Oh, sim! muitissimo... (Passeia o olhar em torno, como que buscando alguém.) Consinta que a interrogue ainda uma vez. Por que motivo... (Pésando as palavras:) não se conchega elle á senhora n'esta occasião... Sim, por que não se conserva ao seu lado, junto, bem juntinho, quando se approximam para ambos-momentos de tão sonhadas venturas?... Foi preparar-se

CAROLINA. Foi preparar-se para o acto... E como ficará elle realmente elegante !

GABRIELLA, cada vez mais agitada: -De certo... de certo... Elegante... e bonito... como o são, na generalidade, todos os noivos...

CAROLINA. -Não, não... Mais bello, que todos.

GABRIELLA, com o olhar torvo:- Devéras ?!

CAROLINA. -Ainda agora reparo: como está pallida! Sente alguma cousa ?

GABRIELLA. -Nada... absolutamente nada... Continue a falar-me de Eduar... do... do Sr. Eduardo... (Relanceando o olhar, como ácima:) Acredita que elle aqui virá antes de seguirem para a Igreja ?

CAROLINA. -Sem dúvida.

GABRIELLA. -Não imagina como aneio vê-lo... (Carolina faz um movimento de surpresa. Gabriella sorri para disfarçar, com simultanea expressão de ciúme, rancór e odio.) Naturalmente, suspiro por vê-lo para assegurar-me da semelhança do retrato.

CAROLINA. - Não pode ser mais fiel. Justamente por isso o encarêço e estimo. E hoje, que elle é meu, - hoje, que o possúo, não o daria por prêço algum.

GABRIELLA, com desassombro e altivez: -Eu creio. E a senhora bem o disse. Aquelle. retrato não ha no mundo dinheiro que o pague, porque não se compram os corações, e aquelle retrato é a historia de um coração grande ... grande!! grande, como um infinito de mágoas nunca sentidas !!!...

CAROLINA. -- Mas, a senhora desvaira... e a custo póde conter-se... Suas faces queimam, em contraste com suas mãos, que são glaciaes. (Tomando-lhe da mão:) Que tem revele-m'o. O que assim a exalta ? confie-m'o.

GABRIELLA.-- A senhora não póde comprehender as torturas que me vão no seio d'alma... Não procure perscrutar-as. Contar-lh'as, para que?!... Resumem-se em breve phrase: « amo... e sou trahida».

CAROLINA.- Desabafe-se, que isso lhe trará consolo.

GABRIELLA. -Amo... e sou trahida. Amo um ingrato, que me repudia, mas a quem não posso - infelizmente - esquecer. Por elle, tenho o coração lacerado como si m'o tivessem rasgado em tiras; mas, ainda assim, si Deus, compadecido de meus soffrimentos, cansado de tanto me haver feito padecer, quizesse libertar-me de tão vehemente martyrio, eu recusaria todas as felicidades com que elle me pudesse acenar; e forçando as portas do inferno, eu bradaria a Satanaz: « precipita-me embora em tuas voragens, mas conserva-me intacto o seu amôr... o amôr d'aquelle que tanto extrêmêço, e que tão desapiedadamente me escarnece, me affronta, me repelle ! »

CAROLINA, compadecida:-Tenho compaixão da senhora...

GABRIELLA. Que mais mereço eu si não lástima! (Ironica:) Ella tem pena de mim! E' justo... muito justo, que a senhora tenha dó de mim, porque o amor que, para todos, é germen da vida, para mim é veneno lethal! O amôr a todos nobilita, e d'elle todos se ufanam, -pois bem: só o meu deve velar no amago do coração como uma lampada dentro de um tumulto!

Comprende agora a senhora por que suas phrases golpearam-me inda ha pouco, bem fundo no peito como acerrados punhaes? Eu tambem amo, amo a um ingrato que me abandonou, que me repellio; e o amor que elle me inspirou, é immenso como o espaço, ardente como o sol dos trópicos e ao mesmo tempo brando como o suspiro da brisa; casto como os seios da Virgem e ao mesmo tempo sensual como essas paixões geradas pelos impulsos da carne. Oh, como mais hei de eu attestar-lhe que o amo? Amo-o com um amôr mais sombrio do que a noite, mais impetuoso do que a tempestade, mais destruidor do que o raio; amo-o, finalmente, com um amor que, não sendo correspondido, procura o desabafo no sangue.

CAROLINA. - Continue... continue... Eu tambem sou capaz de amar assim.

GABRIELLA. - Diga-me então: que faria ao homem que tão friamente a atraçôasse por outra mulher ?

CAROLINA, depois de ligeira hesitação: - Matava...

GABRIELLA, rapidamente:- A elle?

CAROLINA, mais rapidamente ainda: - Não! a ella.

GABRIELLA, suspirando amplamente:- Ainda bem.

SCENA VII

OS MESMOS; E UMA CRIADA

A CRIADA. -Meu amo deseja falar a V. Ex.

CAROLINA. -Mea pae chama-me...

GABRIELLA, com precipitação: Talvez para conduzil-a á Egreja...

CAROLINA, indo á janella: - Não: os padrinhos não chegaram ainda... Naturalmente, os conselhos de estylo... o abraço de despedida... porque devem já ser horas. Com tua licença, Gabriella... Consente que te beije.

GABRIELLA, afastando-se: -Beijar-me ?!...

CAROLINA. -Por que não? As mulheres aferem-se pelo coração... e o teu não é menos semelhante ao meu, por isso que o amôr tem, para nós ambas, os mesmos attractivos e as mesmas attribuições. Bem comprehendo tudo que te vae n'alma. Demora-te comnosco. Peço-te que testemunhes a minha felicidade.

GABRIELLA, absorta:- (Sua felicidade!)

CAROLINA. -- - Fica... ou retira-te, si porventura as alegrias d'esta festa exacerbam tuas tristezas. Até logo. (Aproveitando-se da immobildade de Gabriella, beija-a na testa, e sahe acceleradamente.)

SCENA VIII

GABRIELLA, só.

GABRIELLA, entregue á sua propria dór. -Ah!... Preciso respirar... respirar com todas as amplidões d'alma! Tenho o peito n'uma chaga... e a cabeça estala-me qual a cratera de um vulcão!... Que novo martyrio é este, Satan?! Acaso estarás a forjar, contramim, torturas sobre torturas, soffrimentos jámais padecidos ? !... Encontrar-me face a face com a mulher que me arrebatou o noivo, arrastando consigo todos os sonhos de minha vida... Oh, eu não tinha ainda provado quanto é cruciante o ciúme, essa taça de todas as amarguras, esse tyranno do amôr, que nos trucidou a alma, forçando-nos a encontrar delicias até na propria morte... Eu ignorava quanto veneno nos póde proporcionar uma traição... Mas, agora, agora sinto-o; e aqui, bem do intimo, extravasam todas as angustias que póde conter um coração de mulher... (Soluçando:) E o meu quadro? e o premio alcançado? e as glorias almeçadas? Foi tudo vã chimera... o despertar de um pesadêlo fatal!

SCENA IX

GABRIELLA; E. EDUARDO, PELA ESQUERDA

EDUARDO, vestido para o noivado. -Volto já, meu tio... Tenho que dizer á minha noiva.

GABRIELLA, ao ouvir a voz de Eduardo, empallidece. -Finalmente!

EDUARDO, surpreso, vendo-a: -A senhora, aqui?!..

GABRIELLA, altiva, com a voz cava, mas sem encaral-o: -Sua noiva acaba de sahir... Si precisa falar-lhe, fal-o-ha depois; antes, porém, exijo que me ouça por alguns instantes: foi esse o motivo que aqui me trouxe...

EDUARDO. - Gabriella... A senhora, aqui... n'esta casa ?!..

GABRIELLA, ainda sem fital-o:-Tem razão: a misera artista ludibriada no festivo lar da noiva feliz, perturba-o, confunde-o e o aniquila; não é certo? Pouco importa passará pela tortura de aturar minha presença, escutando-me, -quem sabe! pela ultima vez.

EDUARDO, nimamente confuso: - Eu te supplico: retira-te... ou deixa-me sahir. (Toma o caminho da porta.)

GABRIELLA, com força, empolgando-o:- Fica.

EDUARDO, ameaçador: -Gabriella!

GABRIELLA, segurando-o pelo punho, tral-o com violencia ao proscenio: -Não sahirás d'aqui... Imponho-te que fiques.

EDUARDO, acobardado: -Que expiação, grande Deus!

(Pequena pausa.)

GABRIELLA. -Aguardei-te por espaço de tres mezes, quando voltaste- eras réo de um crime. (Eduardo vae para contestar.) De um crime, affirmo-te. Inutil seria fecundando-lhe o negal-o á fragil victima, a quem seio- geraste egualmente o remorso aos teus futuros dias. (Trovejante:) Eu sou mãe! (Sacudindo-o convulsa:) Eu sou mãe!! Estranho affecto apoderou-se de tu'alma, fazendo-te esquecer uma desventurada què só por teu infelizmente amor existia, e que só por ti respira ainda.

EDUARDO.- Si a senhora conseguisse acalmar-se...si pudesse sem sobresaltos atten.

GABRIELLA, com imperio : -Emmudece. Não tens desculpa. Immolaste-me cruelmente a um punhado de oiro. E' esta a ignominia com que te cobriste, esta a infamia de que te accuso.

EDUARDO, revoltando-se: - Gabriella!

GABRIELLA. -Ah! Já te assoma o rubôr ás faces?... Ainda bem.

EDUARDO. -Ouve-me,- eu te imploro. Não imaginas que pesados deveres se impuzeram á minha razão.

GABRIELLA. -Deveres? Mentos. Dize antes que desvairou-te a opulencia do mundo, o esplendor das riquezas, o afan de sobresahir n'esta sociedade em que tudo se mercadeja, tudo se vende, tudo se compra... menos os sentimentos impollutos das almas boas, dos corações que qual o meu-sobrenadam a esse diluvio de corrupção, que tanto te fascina, e em cujas ondas boiam á flux os miseraveis... como tu.

EDUARDO. -Piedade!

GABRIELLA. -E o meu coração foi em holocausto offerecido ás paixões más, que te dominam, e a victima inclemente abafa perante a sua consciencia os seus prantos e os seus ais, para que, nos festins malditos proporcionados por um dote, -que te escapará, eu juro, - não retumbem como um grito de blasphemia, como o rogar estridulo de uma praga. E a perfidia e a torpeza, não contentes de seus triumphos sobre as ruínas de um coração em cinzas, valeram-se de um retrato em que a artista empenhara toda sua intelligencia, todas suas vigalias, e disseram vilmente a uma inconsciente rival: Recebe-o; este é o sagrado penhor do meu extrémecimento, que não finda; de meu affecto, que será longo como a eternidade.

EDUARDO. (Que significam estas phrases?!)

GABRIELLA, com amargura:- Eis a recompensa que lhe estava reservada! Mas o retrato offertado á noiva, e que ella tanto acaricia e préza... ó retrato que a insensata disse-me não trocar nem mesmo pelos mais avultados cabedaes, está em meu poder... existe em poder da desventurada que o creou, que o desenhou... (Vae á mesa, arrebatou o quadro, que trouxera comsigo, e-arrancando-lhe com violencia a cobertura de filó- apresenta-o a Eduardo, que fica attonito.) E' este mesmo 1... Repare bem... E o proprio? Pois bem: agora ninguem m'o póde tirar... posso fazer d'elle o que á minha vontade aprouver... o que de mais extravagante e louco se me suggira á lembrança ou ao capricho... posso mesmo sujeital-o ás maiores affrontas... posso, finalmente, quebral-o... cuspir-o... calcal-o aos pés. (Desvairada, estala o quadro no chão e pisa-o.)

EDUARDO.-Que fazes, Gabriella!!...

GABRIELLA, ativa:-Restituo-lhe o que é seu,-exijo agora que me entregue o que pela violencia conseguiu le. var-me.

EDUARDO. -Não sei.

GABRIELLA. Pois ignoras?! A honra, mercadoria acessivel a vós outros aos montões de dinheiro, mas que nem todas as mulheres cedem mesmo a custo de sua propria vida.

EDUARDO. Delinqui, confesso. Occasiões ha, porém, em que não podemos recuar: empenhei minha palavra e é mistér mantê-la.

GABRIELLA. - Pódes recuar, sim... Acaso não o fizeste quando se tratava de mim?...

EDUARDO. -Seu caso é diferente.

GABRIELLA, rapida : - Porém eu tambem tenho um'alma, Eduardo.

EDUARDO, desorientado: -Creio; mas, para mim, é tarde.

GABRIELLA.-Nunca é tarde para o arrependimento.

EDUARDO. Este enlace é um recurso... um expediente, que sei eu! minha salvação.

GABRIELLA. — Apenas, por isso, não o renunciás?

EDUARDO. - Exige de mim qualquer outro sacrificio.

GABRIELLA. Apenas reivindico o que de falsa fé me extorquiste...

EDUARDO. - Chimeras!

GABRIELLA, exaltando-se: -Chimera a minha innocencia ?!...

EDUARDO.- Socega... não te exasperes... Um dia, bem proximo talvez, eu tudo te revelarei, e me absolverás.

GABRIELLA. -Si tens alguma resolução a tomar, será imprescindivelmente hoje; hoje, sim, porque é tempo ainda de te arreperderes, e te desembaraçarás. Para desfôrço do mal que me causaste, arrancarás da frente d'aquella inconsciente a capella branca com que a adornaste... á minha vista, porque eu assisti... porque eu entrava na occasião... Eu vi! E não me desfalleceu o alento para contemplar de tão perto a tua deslealdade... (Sacudindo-o:) Eu vi! Imagina, Eduardo, os transportes de minha dor. (Sacudindo-o com mais força ainda:) Eu vi! (Transição. Carinhosa e meiga:) Mas, tu me seguirás; - sim, Eduardo? tu despedaçarás aquellas flores, que injuriam as minhas mágoas, que despejaram um inferno dentro de meu coração; - não é assim?

EDUARDO. - Por Deus! que não te ouçam... Fala mais baixo...

GABRIELLA, carinhosa e meiga: - Concede-m'o, Eduardo... Sim Não hesites... e eu tudo esquecerei; sim?

EDUARDO. -Acalma-te... Por que te inquietas assim?

GABRIELLA, tomando-lhe as mãos: Escuta, escuta, Eduardo. Vamos... vamos para bem longe. d'aqui, onde não perturbe nossa felicidade nem o mais leve bulício do mundo. Adivinho o que se passa. Teus parentes... teus amigos... as conveniencias sociaes... tudo... todos se oppõem ao nosso casamento, porque sou pobre... obscura... sem titulo algum de familia...

EDUARDO. Gabriella...

GABRIELLA. Vamos, Eduardo... vamos para bem longe d'aqui... para o recesso das embalsamadas florestas virgens... para o profundo dos valles umbrosos, onde só trepida o regato e cicia a folhagem... ou para uma d'essas quebradas de montanha, que são como um ninho de amôres entre o céu e a terra... Não te detenhas... Partâmos para muito longe d'aqui, onde não turbe siquer a nossa felicidade um vesgo olhar de inveja e de perversidade.

EDUARDO. - Não!

GABRIELLA. - A solidão tem enlêvos... e eu, com minhas caricias, aumentarei os encantos que ella diffunde. Por toda a parte a natureza nos segredará - amor! A'sombra da nossa cabana adormecerás em meu collo, e o arfar das aragens nos murmurará ao ouvido - amor! Amor nos repetirá a brisa balançando o léque das palmeiras; amor nos arrulhará a rôla em seus plangentes queixumes. A ave que passa, o rio que galopa, a manhã que desponta, a tarde que declina, a noite que entenebrece, tudo, tudo nos falará de amor! As cascatas mugidoras no resalto das lapas, o franjar das ágoas dormentes dos lagos que se arripiam nos dirão baixinho amor! Ao romper d'alva, quando a viração trescala aos perfumes que os primeiros raios de sol aspiram das flores, os passarinhos virão desdobrar-nos em côro as mais suaves cantilenas de amor! Pela calada da noute, escutaremos o rugido feroz do jaguar esfaimado rondando as circumvizinhanças do nosso lar selvagem; e então, tremula, espantadiça, nervosa, buscarei em teu seio quente abrigo; mas, ainda-gelada de quebranto, transida de pavôr, sorvendo teu alento escaldante, peito contra peito, labio contra labio, filtrarei em tu'alma os ineffaveis effluvios do amor! Ribomba a tempestade atrôadora e medonha -o raio encandeia no espaço, e rapido arria o cedro que se eleva altaneiro, -os horisontes irisam-se de listras candentes, e os échos repercutem os roncros sinistros dos habitantes das selvas... Pois bem: n'esse momento ainda, n'esses paroxysmos da natureza, a sós, mas bem juntos, sempre juntos, dobraremos o joelho deante da cruz, e asylando-nos sob a protectora égide da sagrada Virgem, bemdiremos felizes a hora em que se americiou do nosso amor. Vamos, Eduardo, para ignotas terras, onde não profane nossa ventura o desdem alvar do mundo, nem perturbe a nossa dita o despeito e as affrontas da vilania. (Supplicando de rojo:) E tempo ainda, meu Eduardo, -desertemos d'aqui já e já... e para sempre.

EDUARDO, glacial e calmo:- Impossivel!

GABRIELLA, sempre de joelhos:- E' de joelhos que te rogo... como se roga a Deus.

EDUARDO. Não!... Levanta-te... Póde chegar alguém... pódem surprehender-te...

GABRIELLA, indignando-se: -Receias que me vejam a teus pés... Pois bem! (Imperiosa e vibrante :) Eu quero... eu ordeno... exijo que me sigas...

EDUARDO, acalmando-a: Sim... sim... mas, desaparece... desaparece d'aqui quanto antes, para que te não encontrem assim agitada.

SCENA X

OS MESMOS, E UM CRIADO

O CRIADO. Acabam de chegar os padrinhos... Espera-se apenas por V. Ex. para sahir.

EDUARDO. Manda approximar o coupé... Não tardarei. (O criado retira-se.)

GABRIELLA. Vaes, disseste ? !....

EDUARDO. Bem vês: sou a isso constrangido, forçoso partir.

GABRIELLA, lacrymosa, com a voz entrecortada pelos soluços: -Não... não partas... Detem-te. Não me roubes a ultima esperança... Eduardo! Injuriei-te... cobri-te de insultos... calquei aos pés o teu retrato... mas, estremêço deante de ti, como se humilha a creatura que implora... Por misericórdia, não me abandones assim, tão deconsolada e triste... (Enlaçando-se-lhe ao pescoço:) Ouve... Povoar-te hei a vida de encantos... viverei tão só para dourar-te os dias... Affagos, caricias, osculos sinceros, já mais t'os regatearei... Cede, - não partas... Encontrarás em mim, não fervôrosa amante, que seria muito, porém obediente escrava, que para o meu amôr- é já demais. Não me deixes assim... (Eduardo dá um passo como querendo escapar-se; Gabriella impede-o, retendo-o pelo braço.) Não vás... não me abandones... Fita-me bem... volve teus olhos para uma pobre creatura a quem prometteste um eden de felicidades, e agora a precipitas n'um inferno não te apartes de mim. Deixa de martyrios... Segue-me, -escapar de teus labios leve sorriso, um brando sorriso á misera artista no alvorecer da gloria, mas que - deante de ti se prosterna, e para a qual todas as promessas do mundo não valeriam o mais pallido de teus carinhos.

EDUARDO, com firmeza:- Impossivel! E' muito tarde, - não posso, não devo retroceder.

GABRIELLA, erguendo-se: -Não podes, disseste ? !... não debes, accrescentaste?!... (Com um grito angustioso :) Pois bem some-te, coração de féra... Tu me perdeste um dia, - eu te perderei para sempre.

EDUARDO. Ella desvaira... E' uma infeliz! (Sahe arrebatado.)

SCENA XI

GABRIELLA, só.

GABRIELLA. Mais um sonho desfeito... mais uma illusão morta... E' a ultima esperança que s'esvae, não deixando siquer um sulco de sua passagem... De novo a sós ficaste, ó meu pobre coração! Que mais existirá de bom, de puro, de verdadeiro, para mim ... Nada !... absolutamente nada !... O desengano não podia ser mais aniquilador... Mentira, o sorriso do céu! mentira, o efflúvio das flores! mentira, o amôr! o proprio Deus é uma mentira! Satan, escancara-me as portas de teus candentes antros... quero penetral-os... quero atravessal-os... Eu te pertenço... sou tua, tua sómente, já que não me é dado pertencer áquelle que tanto amo, e que tão refalsadamente me ludibriou! Mas, que diviso?!... que alli vêjo!!... que maiores torturas me

aguardam ainda!!... Não importa! eu te sigo, ó Satan! Não pertencendo a Eduardo, quero refugiar-me para sempre n'aquelles mundos de agonias, n'aquelles infinitos de horrôres... Eu te sigo, ó Satan!

SCENA XII

GABRIELLA E CAROLINA

CAROLINA, entra ufana e radiante, encaminhando-se directamente para o espelho, não reparando em Gabriella, que se acha postada a um dos angulos da scena. -O tempo me foge... Como esta noite vae ser pequena para tanta ventura...

GABRIELLA, com voz soturna: -Esta mulher, ainda?!... Depois do fatal desengano, esta mulher aqui... e a sós commigo... Ninguem nos observa... Ninguem ! (Tira do seio um punhal.) Ninguem !... (Mira ao mesmo tempo a lamina do punhal e o rosto distrahido de Carolina.) Ninguem !... A natureza inteira não póde, sem sobresalto, assistir a este momento terrivel... De um mesmo lance, perdidas a felicidade e a honra. E' designio do céo : ella expiará a minha quéda.

CAROLINA, continúa despercebida em frente ao espelho.

GABRIELLA.- (Estás bella... mui bella... Si o estás !... E teus encantos augmentam as minhas iras...) (Meneia o punhal, fitando-o com rancoroso afan.)

CAROLINA, apanhando o leque, que deixara sobre o dunkerque, dirige-se para a janella. Olhando o céo, pronuncia sensibilizada: - A flor delicada que abre seu calix aos primeiros clarões da alvorada, attrahe e seduz pelas cores vivas que a esmaltam. Ao caminheiro que passa, ella se inclina e entorna-lhe do seio os mais quentes e suaves perfumes. São assim as mulheres. A criança torna-se môça, e resguarda-lhe a pureza o regaço materno. Depois, su'alma embriaga-se ás primeiras caricias de um sentimento vago, que ella mesma desconhece. Gerado assim o amor, a pobresinha ama, porque seu coração a isso a impelle, porque a grande lei que nos rege fatalmente o impõe. Si ella reparte esse thesouro de acrisolado affecto com um homem que, do mesmo modo, o retribue e compensa... Oh, quanto enlêvo? quantas seducções! E' o paraiso na terra! é a bemaventurança no céo !

GABRIELLA, pausadamente, trovejando com a voz: - Si, porém, em troca da felicidade jurada, ella só encontra a desillusão e o amargôr? Si no recesso de seu coração, a infeliz apenas topa com o livido marmore de um tumulo, onde exista gravado o epitaphio de sua primeira paixão! Si em vez da fonte de inesgotaveis delicias, ella encontra um guante de ferro que lhe suffoca os arrebatamentos d'alma, transformando o fogo em gêlo, as auras macias da brisa em bravios aquilões, a luz em densas trevas, e o alegre canto dos orpheus da manhã em uivos do jaguar nas lapas empinadas?! Oh, então é o inferno na terra! é a desesperança no céo !

CAROLINA, que a escutou sem voltar-se, exclama agitada e convulsa: -Esta voz?!... eu reconheço esta voz !... (Antepondo-se rapida a Gabriella:) Mulher, que pretendes dizer ... que significa essa emoção!!... Ha alguma cousa de sinistro em tuas palavras...

GABRIELLA, fitando-a: -Vês meus lábios tremulos de raiva... meus olhos injectados de odio... meu corpo em sobresaltos como a hyena que estrebucha ferida... e ousas ainda interrogar-me pelo motivo de tamanha transmutação? (Comprimindo o peito :) Ignota tempestade brame aqui dentro... (Levando a outra mão á frente :), cujos echos repercutem aqui... aqui... como o estampido de um mundo que s'esborôa !...

CAROLINA. -Oh, agora tudo desvendaste... Inadvertida, que fui!... Tu amas Eduardo... Retira-te... retirete... ou gritarei pedindo socorro.

GABRIELLA. -Recurso inutil. Não mais te deixarei... Tenho-te nas garras como o abutre a prêza, e vou lacerar-te as carnes, musculo por musculo, fibra por fibra... Quero embeber-te uma a uma todas as minhas dôres, um a um, todo meu soffrer... Quero cevar-me em teu sangue... quero arrancar-te o coração, e - rasgando-o em tiras - extrahir dos seus recessos a derradeira parcella do amor, que me usurpaste... Tenho-te em meu poder como a cascavel, em suas roscas, o passarinho que fascinara, e me ordenas que saia... Insensata, que és !

CAROLINA, procurando libertar-se: -Deixa-me... deixa-me...

GABRIELLA, uivando como a onça nos érmos, persegue-a acurvada, encolhida, com o punhal suspenso e espelhante: -Debalde gritarás...

CAROLINA. - Deixa-me, por piedade!... Socorro!... Socorro!

GABRIELLA, bravia e ululante, persegue-a sempre, desvariada, satteando, sobresalteando, agachando-se, mingoando, volvendo e revolvendo os cabellos em desordem, que lhe empastam o desfigurado rosto. Consegue, afinal, antepor-se-lhe; e, com a mão esquerda amordaçando-a, com a direita ergue firme o punhal, que mais ainda amedrônta Carolina que, debatendo-se violenta, tomba afinal redondamente ao golpe vibrado pela rival: -Cala-te... cala-te... A lamina d'este punhal far-te-ha emmudecer para sempre... (Descarrega-lhe novo golpe. Carolina solta apenas um gemido. A impressão immediata de Gabriella é de médo e assombro. Vislumbrando, porém, n'essa tempestuosa crise, as manchas de sangue, que the avermelham as mãos, mira as espavorida, reflecte um instante, e - mais atterrorisada ainda- saca do bôlso o lenço, enxuga tresvariada as mãos, e convulsa esconde-o entre os seios túrgidos, que exhibe inconsciente tatuados de sangue. Reveste-se, em seguida, de coragem; olha espantadiça em derredor; ageita o corpinho de vestido, que desabotoara violenta para occultar o lenço; e, entre o espanto e o receio de ser surpreendida, ajoelha-se junto ao cadaver, applica-lhe o ouvido ao coração, e diz impávida :) Já não bate, não bate mais. Estava escripto no destino d'esta mulher que ella succumbiria ás minhas mãos. (Contempla-a friamente por alguns momentos.) Ainda é bella!... Como ainda é bella na sua pallidez de morta!... (Levantando-se automatica:) Que fiz, grande Deus! (Permanece estatica, com os cabellos em desalinho, fitando o cadaver. Sua physionomia se decompõe, tomando um aspecto devéras horrendo.) O sangue congela-se-me nas veias... Mas, quanto é bella!... quanto é bella!... Dir-se-hia uma d'essas aparições celestes, sómente apercebidas pelos martyres nos extasis longos... (Tomando-a nos braços, ergue-a á altura do corpo, fita-a, exclamando-lhe ao ouvido com voz rouca e cava:) Vae... vae... e conta aos anjos, que encontrarás nos céos, que o amor venceu-me... (Repellindo o cadaver violentamente:) Não! não! dize-lhes antes que eu supplantei o amor, porque Eduardo agora me pertence... é meu só... e para sempre.

VOZES, fóra: A noiva... que é da noiva?

GABRIELLA. - Procuram-n'a... Estou perdida !... Que fazer... (Buscando debalde esconder o cadaver, encaminha-se para a esquerda.) Ah! ainda bem: esta porta dá para o jardim. (Desaparece allucinada.)

SCENA XIII

CAROLINA, MORTA; E ANTONIO BRAZ

ANTONIO BRAZ, assomando ao fundo. A meia voz: -Gabriella... Gabriella?... Gabriella, onde estás?... (Desce tacteando.) Sahio de casa n'uma agitação tamanha, que me inquieta... Não podia ter-se dirigido sinão para aqui... Infeliz! o casamento d'aquelle rapaz é para ella- um lance fatal. (Tropeça no cadaver; não podendo equilibrar-se, cahe sobre um joelho :) Que é isto?... (Tacteando:) que é isto, grande Deus?!... (Tacteando:) Um corpo inanimado ... o cadaver de uma mulher... E no peito... no peito fincado um punhal?... Ai, é Gabriella! não pode ser outra a victima!! (Desafoga-se em soluços.) Desesperação!

TODOS, entrando: - Que alarma é este?

JORGE DE MEDEIROS. - Antonio Braz, aqui!

BARÃO. - Carolina apunhalada!

EDUARDO.-Morta!... (Suspendendo Antonio Braz pelo braço, arroja-o para longe.) E tu fôste, -não ha negar! o seu assassino.

ANTONIO BRAZ, atordoado; comsigo:- (Carolina? ... Não é então a Gabriella!... Sim: agora tudo percebo... agora tudo comprehendo...) (Sobranceiro e solemne, conservando ainda o punhal erguido :) Sim! têm razão... Eu o confesso... O assassino fui eu.

GABRIELLA, assomando inesperadamente: -Este velho mente!... Não me roubem, eu lhes supplico, as alegrias d'esta catastrophe. (Gargalhada convulsiva e hysterica.) (*)

EDUARDO, recuando: Está louca!

GABRIELLA, dominando a scena:- De amôres... por ti. (Redobra o riso hysterico.)

(*) NOTA.-Embora em situações dramaticas diferentes, a Gabriella das Tempestades do coração encontra-se com André Lagrange d'A Gargalhada, de J. Arago. N'este drama, a restituição de um furto, e, n'aquelle, o assassinio por amor, a reacção manifesta-se de igual modo, isto é, pela gargalhada vesanica; e fil-o propositalmente, afim de reproduzir com a mesma expansão no meu personagem, o instante pathologico admiravelmente idéado no galan do dramaturgo francez, tão superiormente levado a effeito por João Caetano dos Santos, quando, em presença do proprio Arago, desferindo a estrondosa gargalhada, maravilhava os espectadores, que assombrados proclamavam-lhe o exito.

Tão grande era o esforço empregado pelo sublime actor fluminense, que, a conselho de muitos, e por deliberação dos medicos da empresa, foi por vezes sangrado, afim de que a hyperemia resultante dos ascendentes ataques de frenetico. riso não attingisse a provavel congestão visceral.

Segundo a interpretação altamente genial do actor brasileiro, unicamente estrepitosa era a gargalhada inicial, isto é, a desferida no momento em que o surprehendiam junto ao cofre, restituindo a quantia subtrahida; as demais, porém, eram rapidas, gradativas, convulsas, entrecortadas, mais ou menos intensas, mas na generalidade intermitentes, quando vibradas em scena, ou nos bastidores. Deve esta ser a norma a seguir pela interprete da protagonista do meu drama.

Cumpre-me assignalar, entretanto: nem só o assumpto, isto é, o entrecho das Tempestades do coração, como tudo mais, se differenciam completamente do enrêdo e das situações dramaticas do referido drama de Arago, não offerecendo ponto algum de contacto com a Gargathada, que não o do acesso de riso vesanico, aliás muito observado nas hystero-epilepticas e nas paranoias secundárias. - Dr. Pires de Almeida.

TERCEIRO ACTO

A scena representa a sala de exposição dos cadaveres, no Necroterio. Ao fundo, isolada em um nicho, a Imagem de Nossa Senhora da Piedade com o Christo agonisante. Do tecto, em negra corrente, pende a lampada que véla o sanctuario. Aos lados, convergindo para o centro, alvas mesas de marmore; n'uma d'ellas, distingue-se o cadaver de Carolina, que tem, sobre o peito, irrompendo de sua grualda de noiva, uma cruz de marfim.

SCENA I

EDUARDO DE MENEZES, O PORTEIRO E DOUS EMPREGADOS DO NECROTERIO

PORTEIRO, aos empregados: - Está tudo prompto ?... Abre aquella janella... A diligencia está marcada para as onze horas, não tarda por ahi o 1º delegado, e com elle os doutores da Policia. Olha escancara aquella vidraça... Não tenhas receio... deixa que penetre muito ar e muita luz... E tu, traze a caixa dos ferros... (Os empregados sahem. Olhando Eduardo, que tem ido sentar-se proximo ao cadaver de Carolina, depois de havél-o beijado:) -Infeliz môço !

EDUARDO. - Insensatos destinos da mulher, quem os pudera sondar! O calix dourado de sua vida, tem quasi sempre o amargôr do absinthio... (Contemplando a Imagem, e logo após a morta:) A religião e o amor vinculam-se por um mesmo abraço: alli, a Virgem resignada, com a face em pranto, como que buscando despertar com seus gemidos o filho môrto, aqui, a infeliz donzella sacrificada pela paixão, e que debalde procuro reerguer com meus beijos, com as minhas ardentes lagrimas !...

O PORTEIRO, que tem sahido, volta apressado. - Um bond, que pára... Desceram elles.

SCENA II

OS MESMOS, O DELEGADO, O ESCRIVÃO, E Os DRS. ALFREDO GOMES, ERNESTO DA SILVEIRA, PINTO DE OLIVEIRA E LUIZ DE MENDONÇA

O DELEGADO, como que continuando: -Estas viagens a bondem o inconveniente de conchegar individuos, que só fazem girar os dialogos sobre assumptos exclusivos de seu interesse: por uma d'estas situações, ficámos sabendo que o Dr. Pinto, nem só retira a sua candidatura ao Congresso, como até não comparecerá ás urnas.

DR. ALFREDO GOMES.- O que se deve capitular um desastre para o districto, que o conta em o numero de seus esperançosos cidadãos, pelo talento e pelo patriotismo.

PINTO DE OLIVEIRA. -Oh, o talento e o patriotismo! De que me serviriam, si os tivesse, quando o governo repelle a todos quantos effectivamente possuem taes qualidades A abstenção é um mal, bem o sei; e o unico meio de corrigir esse mal, é ir ás urnas. O paiz precisa de delegados, que signifiquem alguma cousa, que representem o progresso; de eleitos do pòvo que, pela independencia de seu character e pela sua inatacavel posição, se acobertem contra a perniciosa influencia de facções partidárias; mas, onde estão elles ?

DR. ALFREDO GOMES. -E' um engano, meu caro, - elles formigam por ahi além. Olhe: só eu tive cincoenta pedidos para o meu voto, e nem um dos pretendentes deixou de proclamar-se progressista da gêma ! Quant ao doutor, o negocio muda de figura: apresente seu programma, dê-nos a synthese de suas idéas, e afianço-lhe que terá o suffragio de todos os cariocas. Uma pergunta que realisarâ em proveito da Moral?

DR. PINTO DE OLIVEIRA. -O que farei em prol da religião?... Ora! é uma questão vencida,- ninguem d'isso cogita presentemente.

DR. ALFREDO GOMES. - E pela instrucção pública?

DR. PINTO DE OLIVEIRA. -Sou pelo ensino livre: cada qual eduque seus filhos como melhor lhe aprouver.

DR. ALFREDO GOMES. Muito bem. Resta-me ainda saber o que fará com relação ás finanças?

DR. PINTO DE OLIVEIRA. - Pois não lê os jornaes?

DR. ALFREDO GOMES.- Accidentalmente.

DR. PINTO DE OLIVEIRA. - Ainda na legislatura passada votaram-se leis, creando impostos... sêllos... que equilibrarão, por certo, a receita com a despeza.

DR. ALFREDO GOMES. No que entende directamente com a sorte dos nossos desprotegidos operarios, que pensa? Lembrará a creação de novas industrias...

DR. LUIZ DE MENDONÇA.- O que está feito, é de sobra; tudo mais seria nos perdermos n'um dédalo de leis e de reformas.

DR. ALFREDO GOMES. -Prova real: nada. E' um candidato que promete progredir, estacionando. Está decidido não terá nunca o meu voto.

DR. ERNESTO DA SILVEIRA. - Nem o seu, nem o de outro qualquer.

SCENA III

OS MESMOS, E O PORTEIRO DO NECROTERIO

(Ouve-se simultaneamente o rodar de dous carros, que param, e momentos depois se afastam.)

O PORTEIRO, ao delegado: :- Os detentos acabam de chegar.

O DELEGADO. - Faze-os entrar, cada um de per si. Não convém que se encontrem face a face. Primeiramente o velho, que conservarás alli... junto á janella. Ella, ficará aqui... d'este lado... e deante de nós, para que não antevêja o cadaver... Que entrem agora. (Movimento geral de curiosidade. O Porteiro, que tem sahido, volta immediatamente com Antonio Braz, guiado por Cazuzza.)

SCENA IV

OS MESMOS; ANTONIO BRAZ E CAZUZA; E POUCO DEPOIS GABRIELLA

ANTONIO BRAZ, ao atravessar o proscenio, estaca em meio.-Cazuzza, não haverá n'estes logares alguma cruz? alguma Imagem?

CAZUZA, tirando rapidamente o chapéo :-Sim, avôsinho: estamos justamente em frente ao altar de Nossa Senhora da Piedade. (Aponta para o fundo, onde se vê -aos pés d'aquella Imagem- uma mesa de marmore, com um cadaver coberto com extenso lençol, afigurando-se-lhe pelo todo um verdadeiro altar.)

ANTONIO BRAZ. - Um instante, meu filho... deixa que eu faça minha oração. (Ajoelha-se automatico, e reza com as mãos postas; Cazuzza ajoelha-se a seu lado. Durante a prece do cego, ouve-se fóra a gargalhada convulsiva e hysterica de Gabriella. Terminada a oração, Antonio Braz levanta-se a custo, e -conduzido pelo menino- vae occupar o logar que lhe fóra indicado, á direita, proximo & janella. Gabriella, que tem transpôsto a entrada do amphitheatro a passos desordenados e vacillantes, passeia desvairado e flammejante olhar em torno de si, indo occupar -a extrêma, á esquerda; debrusco, estranhando apavorada tudo que a cerca, esfrega com frenesi as mãos; e contrahindo nervosa os labios, entreabre-os pouco a pouco, desprendendo successivas e estalantes gargalhadas. Ao vel-a assim agitada, um dos medicos aproxima-se, procurando calmal-a da crise em começo.)

GABRIELLA gargalha, espantadiça, olhar scintillante.

CAZUZA, a Antonio Braz, puxando-o pelo paletó: - Avôsinho!!... avôsinho !... A Gabriellinha... a Gabriellinha alli está...

ANTONIO BRAZ, baixo:- Cala-te, já sei... eu já a havia presentido... E sobretudo accomoda-te... aquieta-te... Ouviste ?

CAZUZA. - Já ouvi; mas... Então hei de engulir tudo que elles quizerem dizer sem dar um pio, sem murmurar uma palavra? (Amarrotando o chapéo entre as mãos, impaciente :) Essa agora é que é torta!

ANTONIO BRAZ. -Tenho dito... Obedece. (Cazuza resmunga, amuado.)

DELEGADO. - Dêmos comêço á nossa diligencia... (A autoridade policial, seu respectivo Escrivão, os medicos e os advogados tomam, no proscenio, seus devidos logares. Conservam-se todos de pé, descobertos, imprimindo ao acto solemnidade e respeito. Dous auxiliares do médico legista, na mesa extrêma, e ao fundo, indifferentes á discussão, autopsiam um outro cadaver. O Delegado, voltando-se para o dr. Alfredo Gomes, incumbido de representar, alli, a familia da accusada:) A V. S. compete dirigir a pesquisa. O facto está no dominio público. Trata-se apenas de saber, e esse é o ponto essencial, o como, e em que occasião, se deve tomar por têrmo o depoimento d'esta infeliz, que todas as provas parecem indigitar, parecem mesmo denunciar, como autora de um revoltante assassinato. E do elucidamento d'aquella melindrosa questão, resultará, ou a sua volta immediata para a Detenção, onde aguardará a marcha do processo, ou a sua entrada para o Hospicio de Alienados, onde ficará de observação até que seja considerada em condições de esclarecer a Justiça. Aos profissionaes, pois, cabe a discussão do caso, que -pelas opiniões desencontradas da imprensa diaria -nos obriga a encaminhar o inquerito com a maior calma, com o maximo criterio.

DR. ALFREDO GOMES. - A meu vêr, a accusada uma irresponsavel. Deve estar isenta dos rigores com que se pretende que a lei pése sobre ella, não deve o acto ser considerado criminoso. De feito, esta pobre môça tem desenhados no rôsto os traços caracteristicos do assassino nato: protuberancia das arcadas zygomaticas, queixo quadrado, olhar apprehensivo e sombrio, e outros estygmatas que naturalmente.. não escaparão á perspicacia dos medicos legistas. O accidente foi-lhe apenas a determinante que motivou a explosão do acto, cujas causas predisponentes de ha muito se haviam amontoado em seu espirito, fatalmente votado ás aberrações e ao crime. Effectivamente, senhores: deante de -de um lado- ella via disapprestos nupciaes, com que sipadas todas as alvoradas de ventura, engulidas pelas trevas todas as seducções de suas esperanças, rôto aos pés o manto de sua virgindade, denegadas, em summa, todas as aspirações mais justificaveis e santas, todos seus direitos ao convivio social, edo outro lado - transferidos para uma rival predilecta todos esses sonhos do amanhecer da vida, as esperanças todas que adejavam cantando por sobre seu coração, -vêr, finalmente, transmudados para essa rival escolhida, todos seus direitos incontestaveis e legitimos, tudo, tudo isso desencadeou-lhe dos temporaes d'alma o fatal despeito, a onda impulsôra do ciume, que devia repercutir mais longe, alentando o fogo, a cujos reflexos se accentuaram tão fundos os eloquentes estygmatas de sua physionomia. Esta mulher, como veem, está innocente; ella apenas a dupla victima de uma degeneração organica, isto é, do seu proprio organismo, e quicá de uma hereditariedade atavica, cujas consequencias vão ás vezes bem longe ferir a um descendente inculpado; ou ainda, - quem sabe ? - o instrumento de uma influencia mysteriosa e alheia, determinando uma explosão, que - por sua vez era tambem inevitavel. Esta mulher é

uma inconsciente. (Voltando-se para o auditorio:) E, senhores, chegou o momento em que a venda de Themis precisa ser substituída pelo escarpelo. A Justiça não pode ser cega.

O DELEGADO. - Mas, - perdão! desde que a sociedade exige uma reparação...

DR. ALFREDO GOMES. - Em nome de que sociedade nos fala V. S. Com certeza não pode ser em nome de uma sociedade tão homoganeamente constituída, que se exime á prática do crime pela prática do dever. Isso naturalmente se entende com determinada classe de individuos que, não obstante serem indevidamente reputados normaes, ordenam que se abram penitenciárias, e se fechem os hospitaes; d'esses, que se dizem em estado physiologico, e que no entanto só batem palmas á vista dos tres páos fincados para uma fôrca, ouvindo o baque surdo do corpo de um suppliciado, que os jurados condemnam ao acaso da sorte, sem préviamente inquirir si se trata de um doente ou de um criminoso. Será em nome dos juizes Nego. Onde existe por ahi uma consciencia tão sã que, sem atopêlo, sem desvarios febris, lavre friamente uma sentença, que condemne ao aviltamento, á vergonha, á ignominia, á propria deshonra um individuo, uma familia, uma geração inteira?! Serão acaso os sacerdotes, não importa de que crença, não importa de que rito, não importa de que seita? Não, mil vezes não, porque, esses, levantam mãos supplices ao céo, erguem preces solemnes a Deus, implorando por aquelles que choram, por aquelles que soffrem, por aquelles que padecem perseguições da Justiça. Serão acaso os nossos mestres, os nossos preceptores, essa phalange de homens cheios de dedicação, que nos proporcionam o pão do ensino Assegural-o, seria uma calumnia, porque, na razão directa de sua intelligencia, de seu cultivo, se levanta a recusa das conveniencias que os afastam dos justos, dos leaes jurados. Quem, pois, brada por essa tão decantada reparação? O pôvo? E do pôvo, que classe? a mediana? Pois é justamente ella que, jactanciosa, imprime o suprêmo impulso n'aquelle laboratorio de todas as torturas, nas prisões em commum, nas cellulas, nas solitárias, descuidosa de que, a cada delinquente que condemne, é uma porta que se abrirá - no futuro-a si mesmos, a seus filhos, aos filhos de seus filhos, cuja educação, á força de ser falha, atrophia no tronco os rebentos de sua seiva! Será porventura o vulgo, o populacho, que busca, ávido de escandalos, nas folhas diárias, onde se estampam, exageradas, as noticias sensacionaes das miserias alheias, os suicidios, os adulterios, o infanticidio, o roubo á mão armada, as mais requintadas atrocidades e inversões, finalmente, repasto abundante para seu degenerado espirito ? Será esse anonymo, que applaude governos sem criterio que mandam fechar fábricas e arsenaes, abrindo d'est'arte as portas da jogatina, da prostituição e da rapinagem? Será, finalmente,.. essa personalidade que bate palmas á fraqueza humilhada, á detonação dos fusilamentos em massa; e que, com eguaes alaridos, proclama victorias cruentamente alcançadas contra compatricios innocentes e inermes? Será porventura essa sociedade, a sociedade de que me fala?" que, constituída de elementos tão disparatados, de amalgama tão heterogenea, e de sentimentos tão entrechocados, clama por vingança á luz do sol e da consciencia, deante dos altares sagrados e do lar improfanado, em nome do resto dos homens sinceros e em nome do resto das familias honestas ?

O DELEGADO. -Mas, -que fazer? si assim a sociedade o entende, é porque assim ella está organizada.

DR. ALFREDO GOMES. -Que fazer? Respondo: pôrem contribuição elementos escoimados, pôr em presença, actos e exemplos que levantem-lhe o nivel, radicalmente - transformando os algôzes e os titeres inconscientes, de que ella tão repleta se acha.

O DELEGADO. - Utopias... verdadeiras utopias...

DR. ALFREDO GOMES. - No modo de pensar divergimos, naturalmente devido á posição de cada um: V. S. fala como magistrado, como togado, como autoridade judicial,- -e eu, com a experiencia de minha profissão, como -simples advogado. (Trocam-se ápartes.)

O DELEGADO, como que proseguindo: - Demás, têmos. as penitenciárias...

DR. ALFREDO GOMES. - Oh, essas eu bem as conheço. D'ellas, o criminoso, condemnado por longo tempo - ao mutismo, quando não sahe imbecil, idiota, sahe apto é sequioso de represalias contra essa mesma sociedade que lhe tirou, nem só a liberdade, mas até a propria palavra; e, por imitação, ou contacto, é n'esses focos que os sentenciados por um só delicto, preparam-se, como que se educam para outros cá fóra, convertendo n'uma verdadeira chimera a regeneração dos criminosos; e tanto assim é que, a duas entidades é quasi completamente vedado o ingresso nas cellulas e nas prisões em commum, á sentinella e ao remorso.

O DELEGADO. - O meio que V. S. aponta está isoladamente dependente de seu modo de vêr; uma vez pôsto em prática, teriamos como consequencia a subversão da ordem pública, a conflagração geral dos elementos latentes e perigosos das collectividades humanas.

DR. PINTO DE OLIVEIRA, intervindo pressuroso : -Perdão! E' bem possivel que seja isso quanto ao presente; asseguro-lhe, porém, que não é o idéal adeantado do futuro. Confiem-me aquella infeliz, permittam-me que lhe eduque o espirito conturbado, e affirmo que -alli-existe o esboço mal trabalhado de uma espôsa respeitavel, de uma excellente mãe de familia...

(Gabriella, que o escutou com a maxima attenção, solta estrepitosa gargalhada.)

O DELEGADO. Mas, podêres taes só o jury os póde conferir, absolvendo a criminosa.

DR. ALFREDO GOMES. -Receio precisamente quanto aos membros, que habitualmente o constituem, - desigualdades das suas condemnações me apavoram: o nivelamento do crime sempre na razão inversa da posição social dos delinquentes, tem tornado esse tribunal tão odioso perante a moral e perante a justiça, que - mesmo nos paizes mais cultos, - como, por exemplo, a Italia, - o jury prevenio contra si opiniões que o consideram uma inutilidade, um perigo até. E tem razão a moral social, pois, mesmo entre nós, observa-se a seguinte anomalia: o conselho que condemna a dez annos de prisão cellular o vagabundo que furta um queijo, é o mesmo conselho que absolve unanimemente o assassino frio, que premeditadamente arma o braço para desfechar o golpe.

O DELEGADO. -Antes de tudo, seria mistér revogar as leis; e ninguem ignora que circumstancias ha fataes, em que os propios juizes, máo grado seu, e não raro contra os dictames de sua consciencia, condemnam ou absolvem á vista de provas, que se disseram irrecusáveis. Aquella môça é uma infeliz, não ha dúvida; cumpre, porém, confessar que nem sempre a sabedoria humana & clarividente, e por isso mesmo isenta de grandes falhas

DR. ALFREDO GOMES. - Mas, na ausencia de provas contra a accusada, como, e por que prejudgal-a?

O DELEGADO. - Os indicios tambem as constituem; e as leis, o collega sabe-o bem, não descuraram do caso.

DR. ALFREDO GOMES.- As leis não são immutaveis, -seus relêvos não são, por certo, de bronze.

DR. ERNESTO DA SILVEIRA. - Concordo; mas, suppôhno, não devem tambem ser moldadas em cêra.

O DELEGADO. -Em conclusão: os senhores condemnam sem justificativa o braço armado da lei; a verdade, porém, é esta: quanto maior tem sido o esforço empregado para sustar a torrente assustadôra dos criminosos, menos fortes e mais distantes se hão feito tambem sentir seus tropéis ameaçadôres. E que seria da sociedade moderna, pergunto eu, si a sua inflexibilidade não escancarasse os carceres, e não erguesse penitenciárias, dando mesmo aos perversos o extrêmo e dolorôso espectaculo da fôrca, no interesse commum? Que seria de nós, interrogo ainda, si o assassino, o violador, o ladrão, o bandido, em summa, exercessem seus máos instinctos confiantes na indulgencia pública, na impunidade e, o que é mais doloroso ainda, na propria sciencia? Figurem uma collectividade qualquer, uma nação, ou um pôvo, entre os quaes os magistrados pudessem desassombradamente prevaricar; em que os educadores da infancia e os apóstolos e sacerdotes das religiões, sem ser perseguidos, levassem a corrupção e o veneno á mocidade ávida de exemplos, e á familia, no remanso do lar, do mesmo modo por que se derruba uma frondosa arvôre, minando-a pouco a pouco pela raiz; em que os homens d'Estado, sem vacillações, e sem responsabilidade, calcassem aos pés o seu patriotismo, a sua respeitabilidade, as suas convicções politicas; em que o soldado desertasse na hora do perigo; em que o pôvo, finalmente, só porque outro pôvo libertou-se com razão de um tyranno, que o opprimia, que o escravizava, apoiado sem exame n'esse exemplo, fazendo rodar as carretas da revolução, invadissem, sem outro motivo mais do que sua ignorante vontade, os paços immaculados de seus generosos protectores, e galgasse á mão armada os degrãos de marmore dos santuarios da Justiça, salpicando a estes de sangue, e áquelles levando o exterminio e a morte. Quaes sériam, insisto, os destinos de uma nação assim desvairada por tão subversivas theorias? A anarchia, que é transitoria, um cháos, cuja noite se poderia entretanto prolongar. Eis, senhores, a verdade, em sua resplandecente pureza, por mais tentadôras que pareçam as doutrinas dos criminalistas de occasião. (Aos drs. Alfredo Gomes e Pinto de Oliveira.) Faço votos para que a sua cliente se rehabilite, já perante o juizo dos homens, já perante o juizo de Deus. (Movimento de susurro entre os circumstantes, que trocam vivos ápartes de controversia.) Attenção. (Ao dr. Ernesto da Silveira:) Sr. doutor, chega o instante em que a familia da morta se faz representar, n'esta diligencia, na pessoa de seu advogado.

DR. ERNESTO DA SILVEIRA, adeantando-se: -Depois de tão eloquentes ponderações por parte do meu collega da defesa, sentir-me-hia talvez manietado si não fora o dever, que me assiste, e decorre de uma accusação tanto mais legitima, e natural, quanto infundadas se manifestam as razões expendidas. Nada mais caprichoso, n'hores, em sua evolução, do que a sciencia. O pensamento humano, bem como as civilisações, em sua trajectoria atra do tempo, não vence em linha recta o incommensuravel espaço: galgando cimeiras, transpôndo

sinuosidades, atalhando em ziguezagues, e algumas vezes mesmo côagido a retroceder, nem por isso ousa estacar: de vez. Si, por um lado, nos contrariam os accidentes d'essa jornada, por outro lado nos devemos sentir compensados vendo que o seu percurso é sobranceiro, continuado, progressivo. A prova d'esta asserção está na theoria da moderna escola penal, tão vantajosamente amparada pelo respeitavel collega que, n'este recinto, se constituiu seu convencido paladino.

DR. ALFREDO GOMES. -E bem convicto.

DR. ERNESTO DA SILVEIRA. E tão instaveis são: essas theorias, que a escola á que elle allude acha-se hoje de todo vencida pela que modernamente se levanta, como um protesto, pois aquell'outra parecia rematar no absurdo fatalismo musulmano, obrigando-nos a enxergar em cada delinquente um individuo votado desde a vida intra-uterina á prática do crime. Por essa theoria, a responsabilidade moral desaparece, - nossos actos são corollarios de impulsões exclusivamente da natureza physica. Vejam, pois, senhores, a que ficaria reduzido o homem, a familia, a sociedade, si essa escola conseguisse vencer todas as consciencias, dominar todos os intellectos. Entre paes e filhos, não haveria mais direitos, nem deveres; os conjuges romperiam todas as pês ao decoro, todos os diques á dissolução; e a moral, assim turvada em suas nascentes, longe de ascender a culminantes promontorios, resvalaria no tremedal impuro de todos os desregramentos, de todas as profanações, de todos os desvarios. Não é, nem pôde ser assim: cada qual deve ter a coragem de seus malevolos instinctos, e - do mesmo modo por que nos arrojâmos prazenteiros ás instigações do bem - egual firmeza devemos resistir ás invectivas do mal. Na prática d'este não ha inconsciencia, porque todo o crime reconhece uma causa, um factor, um móvel; e si, agindo esse, o delinquente tem tempo de reflectir, de raciocinar a fim de pratical-o, estaria tambem em si, na esphera de sua lucidez, no limite de suas proprias forças, o criterio de o evitar.

DR. ALFREDO GOMES. -O maior absorve o menor: impulsões que teem por base a constituição organica, isto é, o organismo, são mais poderosas do que quaesquer outras que assentem sobre as variaveis convenções da moral, n'este ou n'aquelle tempo, n'este ou n'aquelle meio.

DR. ERNESTO DA SILVEIRA. -Protesto. Seu argumento é capcioso. Resta ainda provar a base de semelhante theoria, isto é, que as impulsões sejam emanadas das condições anatomicas, e não que sejam estas modificadas com as successivas repetições d'aquellas. Por que certos actos impulsivos serão devidos a meras convenções, ao passo que outros escapam ao mesmo raciocinio. E precisamente isso o que não está ainda demonstrado. (Trocam-se rapidos ápartes, que o delegado, intervindo, faz sustar.)

-

O DELEGADO.- Attenção, meus senhores...

DR. ERNESTO DA SILVEIRA. Eu continuo. No caso vertente, por exemplo, a accusada não quiz refrear os impulsos de seus mãos instinctos ante uma scena, que a todos commove: uma joven vestida com suas candidas roupagens de noiva; corôada de flores e de botões de laranjeira, symbolos de pureza e virgindade; pureza e virgindade, que ella propria deixara profanar, como revela nos paroxysmos de suas allucinações; uma donzella, dizia eu,

assim ataviada, encaminhava-se ao altar de Deus, para receber um compromisso mais solenne do que todos aquellos que se possam tomar perante os homens, porque constitue um pacto sagrado, por meio do qual a mulher entrega, ao escolhido de su'alma, todos os thesouros de que é cofre o seu coração; pois bem, senhores: um punhal escondido entre os seios, entre os seios tumidos, que a natureza preparou para dar a vida, deram a morte que assim turbou tanta felicidade que despontava... Não, não! o demonio de tamanhos males, não é, asseguro-lhes, uma inconsciente; e tão nefando crime exige, por sua especie, rigorosa expiação. (Cruzam-se novos ápartes, que cessam falando:)

O DELEGADO. - Deante de tão variadas theorias, cada qual mais digna de estudo, de meditação, o caso prático não avança um passo sequer: precisamos ouvir os medicos legistas, aqui presentes; e interpêlar a sua sciencia, afim de capitular si é possível, mesmo no ange do desvario vesanico, provocar alguma crise lucida, porém visivelmente segura, em que a accusada, appêlando para a razão, possa, com uma phrase, com uma palavra ao menos, desvendar o mysterio que envolve esta intrincada questão. Si, como sabem, por uma parte, indicios vehementes se accumulam pêsados contra esta infeliz, por outra parte aquelle velho, que é seu avô, o que vale dizer-duas vezes seu pae, foi surprehendido de joelhos junto ao cadaver, empunhando a arma assassina, ainda tinta de sangue; e ambos, com egual convicção, disputam-se a autoria do crime, sustentando isolada responsabilidade. O caso é este; e a justiça, para julgar, precisa de um facho que a esclareça.

GABRIELLA, erguendo bruscamente a cabeça, interrompe com voz surda e rouca: - Mentem... mentem... Eu sósinha a matei... De rojo-lhes supplico: não me roubem os jubilos, que tal desforço me traz. (Bradando firme :) Insisto: quem a matou... fui eu! eu só!

ANTONIO BRAZ. -Não acreditem, senhores, -aquella - sou eu! creatura desvaira. Aqui, só ha um delinquente, (Batendo fortemente no peito :) eu só! E por esse crime, quero ser o unico responsavel perante os homens... e perante Deus!

O DELEGADO. - Tenha calma... socegue...

CAZUZA, comsigo:- (Ai, que o avôsinho procura salvar-a...) (Alto:) E eu vi... eu vi com estes olhos, que a terra ha de comêr, eu vi o avôsinho enterrar á faca.... (Soluçando:) Pois si até eu ajudei...

GABRIELLA. Quem a matou, fui eu... sómente eu! Querem ouvir-me? Escutem. (Avança dous passos; e levando bruscamente uma das mãos fronte, como para não deixar escapar as idéas, ao mesmo tempo que, com a outra, comprime o coração, para recalcar sentimentos que não a perturbem, crava os olhos no céo, e expõe com a impassibilidade de uma vidente. N'esse entretempo, seus longos cabellos, desatando-se, descem em ondas, emmoldurando-lhe o rósto, e emprestando á sua physionomia tons, ora mysticos, orasatanicos.)- Oh, como é bom respirar livremente !... Como me apraz este desafogo d'alma... (Respira a amplo thorax.) Attentem... Eu lhes conto. Eu velava como uma lampada... O somno fugia-me com os instantes... Uma... duas... tres... quatro... muitas noites se passaram sem que as minhas palpebras, rôxas pela insomnia, conseguissem fechar-se uma vez, uma unica vez, proporcionando ao meu pobre cerebro a calma, o socego. N'esse martyrio tão novo, tão desconhecido para as consciencias puras, eu sentia que a febre me sorvêra de um trago todo o

pranto... que os pesadêlos me empolgavam como abutres; e lá, em outros mundos de um pavôr eterno, eu via-me acercada de serpentes, que silvavam damninhas em torno da minha sombra, e de seres fabulosos, e de monstros horrendos, que escancaravam as fauces para me devorar. Insensível ao fogo lento das insomnias, e perseguida por toda a parte, em percebia dentro em mim tanger a hora em que a victima se tornaria algoz. Para conseguir o nefando intento, segui-lhe a pista, a elle, ao perfido, como o carrasco acompanha o condemnado. E pé ante pé, subtil, imperceptível, como um espectro, caminhei... resvalei... cheguei, com todos os desespêros a referverem-me nas escuridões d'alma, tendo por unico cumplice o punhal que me acompanhava, frio e conchegado aos seios como uma criança morta. Depois... o faiscar profuso das luzes... o perfume de iriadas flores... as notas cadenciadas de musicas alegres e de risos festivos... os espêlhos, em cujos crystaes a lealdade pudera descobrir a trahição de um beijo dado a furto, ao rumôr das sedas, ao estalido dos leques... E entrei... entrei... de manso como um fantasma... e espantadiça como o ciume... e os surpreendi n'esses reflexos que entenebreceem uma vida, n'esses reflexos que levantam a pedra de um tumulto... Sim, elles beijavam-se... elles beijavam-se, antecipando-se a um gôzo roubado, a um gôzo que não pertencia a ella; a ella, que partira n'aquelle instante, como uma taça que se quebra, as minhas illusões sonhadas durante tantas horas, longas como seculos, seductoras como a felicidade. E tudo aquillo... tudo que eu houvera visto, como por prestigio magico desapareceu n'um torvelinho, que me enlutou os olhos, para abril-os pouco depois ao encontrar-me face a face, bem defronte de minha rival, sósinhas, sósinhas; e n'essa crise, n'esse encontro fatal, tornava-se preciso que uma cedesse o logar á outra... E a catastrophe, uma vez enscenada, precipitou-se. Transformei-lhe n'um barão o véo de noiva... Subjuguei-a ás minhas plantas... Ella gemeu... ella gemeu... Então... então... espumando de odio, com o braço a tremer-me de raiva, mergulhei-lhe no coração a lamina do punhal, que eu reservara ao perfido e deshumano autor de minhas desditas. E ella arquejava... e ella tentou erguer-se... desprendendo murmúrios confusos... Pois bem: enterrei-lhe de novo o punhal... E ficou estendida... immóvel... silenciosa... Ajoelhei-me... ajoelhei-me bem junto d'ella... (Atira-se bruscamente de joelhos.) e appliquei o ouvido sobre seu coração; e presentindo que, embora agonizante, quasi extinto, quasi a apagar-se, ainda pulsava por Eduardo, vibrei a terceira punhalada; e calcando-o bem fundo... bem fundo... seus labios exhalaram o gemido extrêmo, que arrojou su'alma ao céo, mergulhando minh'alma nos tenebrosos dominios do inferno. (Ergue-se rapida.) Depois... depois... Que succedeu depois? Seu sangue, espirrando pelas malhas do véo, salpicou-me inteira... E enxuguei as mãos... escondi o lenço no seio... Fugi! E senti pavôr! E tive mêdo de minha sombra! E tive horrôr de mim mesma! Mas aquelle sangue, orvalho rubro da morte, alvoroçou em meu seio alegrias tantas, que desabotou de minha bocca escancarada uma torrente crepitante de delirantes risos. (Gargalhada hysterica.)

O DELEGADO, aos circumstantes: - Como acabam de ouvir, ella confessa o crime; mas, cumpre observar, a sua razão é visivelmente vacillante; bem ao contrário, elle, aquelle velho, mantem-se calmo, inalteravel, assumindo consciente a autoria absoluta do assassinato. O menino, esse, não obstante asseveração propria, é comtudo estranho ao acontecimento; guia do cego, pouco importa, tinha-o abandonado na occasião dada, introduzindo-se no interior da casa, em busca de sua protectora hallucinada. O que me parece aceitavel, é que-ambos-se houvessem tacitamente combinado para salvar a criminosa: o menino, sem reflectir sobre a responsabilidade do seu papel; e o ancião, por demais adeantado em annos, abrindo mão dos

poucos dias que lhe restam de vida, vida que naturalmente este desgosto abreviará... (Gabriella, que apprehendeu de subito o senso intimo d'estas ultimas palavras, salta compellida por um lampêjo de razão; e tombando após resupina, desfere metallica e estridente gargalhada. Depois de breve pausa, o delegado accentua pausada e intencionalmente suas finaes expressões:) vida, que este golpe ha de por certo abreviar... em troca dos dilatados annos de felicidade que a accusada, joven ainda, poderá um dia fruir. O móvel do crime, como sabem, havendo sido o amôr... o ciume... desfeito o empecilho... desviado o tropêço... restará ao amante a reivindicacão dos direitos de outr'ora.

(A estas palavras, Eduardo de Menezes, que se conservara sentado, com a fronte entre as mãos, junto ao cadaver de Carolina, levanta-se de um pulo, e tenta falar; Antonio Braz, como protesto solemne, deixa convulsivo cahir o seu bordão de cego; Cazuzza, desprendendo-se da mão do velho Braz, dando alguns passos á frente, rompe violento, como que impellido pela mesma emoção.)

GABRIELLA, hirta no sobresalto, demorando o olhar cravado no céo, e cahindo de joelhos, implora: - Deus meu! testemunha lá das alturas o rigor d'esta calumnia.

(Este subitaneo movimento de indignação desperta a sensibilidade commum dos circumstantes, que tranquillizam os personagens que avultam na acção.)

ANTONIO BRAZ. - O' Deus, tu que devassas o profundo das consciencias, certifica-lhes que não é isso verdade: pretendi salvar-a, eu o confesso, porém jámais cogitei em prostituil-a nos braços do amante.

O DELEGADO, calmo:-O cumprimento do dever não me fanatiza ao ponto de confundir com uma ameaça, a inesperada revolta de espiritos impressionados, seja pela offensa, seja pela brusca apprehensão de uma verdade flagrante. Esta reacção é natural. Porém, notem... notem bem como que produzio-se no estado psychico, já tão hyperexcitado, d'aquella malsinada, o phenomeno mui commum da impulsão; e ella, que só desejava vingar-se do amante, fere a indefensa rival. A transformação da idéa em acção, faz-se n'essas infelizes de modo brusco e irresistivel, muitas vezes admirando-se ellas, ao despertar da crise, da violencia que acabaram de praticar. E si isso uma vez se deu, dar-se-hão muitas outras; e si assim é, não existe lesão apreciavel do orgão, porém sim desordem apenas das funcções psychicas; como deducção, é licito esperar que identicos intervallos lucidos se manifestem, e tanto mais definidos quanto mais prolongados se succederem. Seja como for, declino n'este ponto de minha competencia no profissional que (Aponta para o dr. Pinto de Oliveira.), com a maior distincção, poderá esclarecer a justiça sobre o estado mental da delinquente.

DR. PINTO DE OLIVEIRA, antepondo-se-lhe: - Perdão. Exemplos ha, na verdade, de se haver provocado taes crises, quando um abalo, uma emoção viva e inesperada modifica as funcções da memoria nas vesanicas; e por isso lembro, n'este instante, o alvitre de collocar em frente ao cadaver a desvairada enferma, afim de que a impressão do sombrio spectaculo possa porventura provocar sensações violentas, as quaes, penetrando no campo limitado de sua consciencia de hystero-epileptica, consigam explodir a reacção exagerada que frequentemente se observa em taes enfermos, e possam por esse modo despertar a lembrança de factos que pareciam adormecidos. E nem se diga que os actos impulsivos e irresistiveis, em taes vesanicas,

sejam sempre seguidos de amnesia; a sciencia moderna tem provado á saciedade que os criminosos impulsivos guardam muita vez recordação do acto, e até mesmo premeditação d'elle; questão medico-legal interessantissima, hoje perfeitamente elucidada pelos scienistas da maior competencia.

(Gabriella desata uma gargalhada.)

O DELEGADO.-Semelhante hypothese já fora por mim prevista; e tanto assim que, para provocar o paroxysmo, antecipadamente ordenei que resguardassem com um lençol o cadaver da victima. E não foi sem grande esforço, que alcancei do inconsolavel pae esta dura prova.

DR. PINTO DE OLIVEIRA.- Quero suppôr que a enfôrma volte, momentanea ou duradôramente, á razão; mas, qualquer que seja o seu depoimento, quaesquer que sejam as suas revelações, em nada aproveitarão á causa da justiça. A tára morbida era já por tal modo extensa, que, antes mesmo da perpetração do crime, a delinquente manifestara perturbações psychicas, como ficou provado pelos extrêmos verdadeiramente anormaes do amôr tributado áquelle a quem cegamente se votara. Em tão superexcitado cerebro havia, pois, já algum elemento em ebullição, uma falha, uma lacuna; e si estas, como no caso vertente, antecedeni ao acto reputado criminoso, o agente é irresponsavel, confesse ou deixe de confessar coparticipação ou autoria do crime.

DELEGADO. -É o que resta provar.

DR. PINTO DE OLIVEIRA. -Alli a teem, pois, meussenhores... Não a considero uma homicida, - mas uma pobre louca! E para as criminosas d'esta natureza, fecham-se as penitenciárias, -e-escancaram-se os hospícios.

DR. LUIZ DE MENDONÇA. -De resto, não descubro motivo para um diagnostico retrospectivo da loucura, -acredito que esta principiou no proprio momento do crime, logo que a inesperada reacção despertou o natural remorso, que actuou n'este caso depressivamente. Antes do assassinato, a delinquente não apresentara uma só prova de alienação mental; e nem se pôdem capitular como taes as exuberancias do affecto alludido, porque, si assim fora, a loucura deixaria de ser um caso pathologico, para tornar-se physiologico, commum...

O DELEGADO. -Recorrâmos aos factos... Soccorrâmos-nos da experiencia.

(A excepção de Eduardo, que se conserva- meio occulto - aos pés do cadaver, os demais circumstantes se afastam, guardando respeitoso silencio. Um dos medicos descobre bruscamente a morta; Eduardo, que aneia, precipita-se sobre esta, imprimindo-lhe um beijo na fronte. Gabriella, conduzida - pelo outro médico - para junto do cadaver, caminha a passos lentos e pesados, como que obedecendo a estranho impulso. Ao fitar a victima, sua physionomia se altera profundamente; procura articular, e a lingua lhe é trópéga; convulsa, leva as mãos á garganta, como para fazer vibrar a voz, mas o bólo hysterico engasga-a. Seus olhos, ao principio parados, tomam n'est'hora indefinida expressão de constrangimento; em seu rosto como que se dissipa a estupidez alvar das paranoias; e seus labios, affeiçoando-se, perdem o riso imbecil que os escancarava. N'este estado, esbarra com o olhar no cadaver; alizando frenetica os cabellos, fita-o, apontando-o com o dedo, na postura intermediária do terror e do arrependimento. E

depois, recuando espavorida, comprime com as mãos a testa, como para coordenar idéas; mas, debalde! com voz óca e lugubre prorompe devaneando:)

GABRIELLA, vagamente: -Eil-a... Allí está... silenciosa... immóvel... como a lousa de um tumulto ás horas negras da meia-noute... Em seus labios, roxêados pela mordança do ultimo somno, as exalações passam fétidas como vermes apôdrecidos. Sôb seu peito, arquejante outr'ora das effusões do amor, seus seios irrompem sem vida aos contactos do gêlo das aragens da morte. E eu a vêjo... alli... inteiriçada e horrendamente bella, como uma parodia d'aquelle dia em que o desvario poisou grasnando sobre minha cabeça, arrastando-a sinistramente ás voragens do sepulchro. Sim! victimei-a uma vez... uma unica vez... e quantas... e quantas vezes, impiedosa e perfida, ella cravou bem fundo... aqui... aqui... dentro do meu coração a lamina espelhante e afiada, que reflecte n'alma todas as torturas d'este mundo, todas as agonias da eternidade?! Agora, dissei-me vós outros... dissei-me com desassombro de animo: qual das duas ferio mais fundo os purissimos sentimentos da mulher qual de nós duas com mais crueldade e perfidia tripudiou por sobre a ventura da outra? Eu a ensanguentei, é verdade, porém com a propria arma com que me houvera desafiado. Com uma punhalada atravessando-lhe o coração, fui mais nobre, mais digna, mais generosa, do que aquella perfida, pois que libertando-lhe das prisões terrenas a alma impia talvez a fizesse alar a mais serenas plagas, ao céo, ao passo que eu, sósinha... solitaria com os meus tormentos... solitaria com a minha culpa... solitaria com o odio a repercutir seus ultimos echos no meu atribulado espirito, transformei-me no cadaver de mim mesma, condemnando o meu corpo a ser o pesado esquife do meu pobre coração! Perdôar? esquecer?... Oh, nunca! nunca!... E não foste tu, cem vezes, mil vezes mais cruel, mais friamente desapiedada, do que uma unica punhalada que te victimou? Perdôar? esquecer? Oh, nunca! nunca!

EDUARDO, crescendo detraz do cadaver, exclama compungido: -Não sabes tu, infeliz, quaes as suas ultimas palavras! Foi uma súplica de perdão aos homens... foi uma prece de compaixão a Deus... para aquella que lhe estancara a vida no remanso de uma sonhada felicidade.

GABRIELLA, sem fital-o: -Que dizes? Não me illudes?... Ella então perdoou-me, a mim, a mim, que fui o seu algôz? (O momento lucido a surprehende; sua physionomia tras muda-se, voltando á natural expressão; o olhar ameiga-se, perdendo os labios as linhas que os contrahiam. De subito, comprimindo com a dextra o seio offegante, volve os olhos ao céo, em attitude de quem eleva fervorosa prece. Instantes depois, atirando-se de joelhos, soluça, debuthada em pranto.) - O' Deus! pois é certo que ella me perdoara?... que sua prolongada agonia nada mais fora do que uma aurora de antecipado perdão á minha penosa existencia? (Levantando-se de um salto:) Pois bem: consintan que eu a beije... Quero sellar com um beijo, frio, frio, tão frio comobos seus finaes suores, o meu arrependimento... (N'este instante, Eduardo, que a vê encaminhar-se resoluta para o cadaver, antepõe-se-lhe; e ella, encarando attonita, indecisa, ora um, ora outro, recúa espavorida, prorrompendo :) No céo... na terra... no inferno... jámais me arrependerei !... (Arrancando do peito do cadaver o ramo de flores de lorangeira, despedaça-o ácima da fronte, amarrota-o, e arremessa-o ás faces de Eduardo, que a contempla, a principio com rancor, e logo após com commiserção. Percorrendo a scena, n'um bracejar de louca, desata em convulsa e estrepitosa gargalhada, que finda e recomeça a instantes até cahir o panno.)

EDUARDO. - Amôr, eis o epilogo de tua obra; eis alli um dos trophéos, que a paixão humana levanta em tua passagem. Embora adornado de flores, dás muitas vezes ás tuas vietimas, como a natureza ás rosas, um leito de espinhos. Em troca dos meus beijos quentes de amor, ó misera Carolina! tiveste d'aquella malsinada o beijo viscôso da morte.

ANTONIO BRAZ, como que apartando ondas de povo, forcéja, investindo arremettente): Mentés! o assassino de ambas... fôste tu !

QUARTO ACTO

Ante-sala no Hospicio Nacional de Alienados, dando para um páteo; entre este e aquella, extensa grade, interceptando a passagem dos loucos. Aos lados, distinguem-se, separadamente, donos aggressivos e raivosos torvos, estes em coxias gradeadas, e aquelles em cellas com pequenas fenestras, por onde apenas os loucos pódem passar a cabeça.

SCENA I

EDUARDO, só

EDUARDO, chegando apressado, descansa o chapéo sobre uma cadeira, e desce. - Gabriella aqui está. A penosa situação d'aquella infeliz, collocou-a entre o mais triste dos dilemmas. Louca ou assassina? Mas, eu aqui estou para salvar-a, ou quando menos para suavisar-lhe os males. Até onde irás, ó meu pobre coração!... A que sacrificios me arrastarás por amor d'aquella desventurada? Estremêço só de pensal-o. A sociedade me condemnará, bem sei; mas, devo acaso abandonal-a? Que idéa se faz por ahi do coração! Será elle porventura um pendulo, cujo movimento se dirige á vontade, ao calculo, ao capricho ou á conveniencia de cada qual? Posso acaso ordenar ao meu: palpita ou não palpites, sem que a essa ordem preceda um sentimento espontaneo, uma emoção propria? Não, certamente. Por influencia minha, Gabriella entrou para este hospicio, pelo poder unico de todo meu dinheiro, qu'importa! d'aqui sahiremos talvez - juntos... juntos... Mas, para onde? A fatalidade já nos traçou o rumo.

SCENA II

O BARÃO E EDUARDO

BARÃO, agitadoissimo: Afinal!

EDUARDO. - Como! Meu tio, aqui !!...

BARÃO. - A todos perguntei por ti, mas inutilmente... Considerando teu pouco juizo, atinei logo que terias tomado esta direcção... E aqui estou. Segue-me,- preciso muito falar-te.

EDUARDO. -Como está agitado... Acalme-se.

BARÃO.-Opportunamente saberás o motivo... Vamos.

EDUARDO. -Que tem a dizer-me?

BARÃO. -Sabêl-o-has com vagar... Vem, anda.

EDUARDO. -O mais sagrado dos deveres impede-ine de acompanhá-lo tão apressadamente.

BARÃO. -Adivinho o que me dizes. E assim queres ligar tua sorte á de uma assassina?

EDUARDO. -Não posso desamparal-a n'esta dolorosa situação... Seria a mais reprovada das ingratidões !

BARÃO. -Considera que estás n'uma casa de doudos: mando te internar, com guarda á vista.

EDUARDO. - Oh, não escarneça de minha embaraçosa posição...

BARÃO. - Falo-te serio, pódés crêr... (Antonio Braz aparece ao fundo, guiado por Cazuza.) Gabriella é uma perdida... duplamente perdida no conceito social.

ANTONIO BRAZ, estacando: · Perdida !!

BARÃO. Como sabes, julga-se hoje o tremendo acontecimento; e, uma vez provado o crime, ella será pro-nunciada... e terá forçosamente de cumprir a inexoravel sentença.

ANTONIO BRAZ, cuja physionomia transformou-se fundamente ás palavras do Barão, exclama com voz surda e abafada: Céos !... esta voz!!... esta voz ! ! !...

BARÃO. -De que te valerás para salvá-a? Receioso de teus desatinos, empreguei todos os meios para elucidar a Justiça... E ella será pronunciada, e ella será condemnada.

ANTONIO BRAZ. - Esta voz!... Eu já ouvi esta voz !!... Eu conheço esta... (Com um grito de convicção:) Ah!

BARÃO. -Que é ... que foi 1...

EDUARDO, voltando-se:- Antonio Braz, aqui! (Encaminha-se para elle.)

ANTONIO BRAZZ, deixando cahir o bengalão com estrondo: -Não, não é o senhor... E' o outro (Tacteando :)... o outro... (Tacteando :) Por compaixão, diga-me... diga-me: quem falava aqui agora mesmo!

EDUARDO. - Era meu tio.

BARÃO, áparte, a Eduardo; com vivacidade: -(Cala-te.)

ANTONIO BRAZ, tacteando sempre: -Não é isso o que lhe pergunto... Como se chama elle? qual o seu nome?

EDUARDO. -Sebastião...

ANTONIO BRAZ, com explosão: - Sebastião de Vasconcellos!

EDUARDO, repetindo machinalmente:-Sim: o Sebastião de Vasconcellos.

ANTONIO BRAZ, desaffogando-se n'um brado d'alma: -Finalmente !... Oh, ha muito que eu te procuro!... (Desce, tacteando:) Onde estás...? onde estás...? (Agarrando-o pelo punho :) Ah, és tu... Eu ouvi tudo... Pretendes, malvado, recriminar a pobre Gabriella, cujo unico delicto foi amar demasiado teu sobrinho; não é assim? Pretendes, perverso, agravar-lhe a contristadôra posição, quando só tu és a causa de sua desgraça, como outr'ora fôste a causa da minha ruina ?

BARÃO. - Silencio !

ANTONIO BRAZ. -Não podes fazer-me calar... Depois de tantos annos, afinal nos encontrâmos... depois de tão longos annos me appareces por um milagre para ouvir de meus proprios labios as torturantes explosões de minh'alma... (Sacudindo-o:) Oh, mas tu tremes deante de mim... sinto que teu pulso estremece debaixo de minha mão, e entretanto não me é dado vér a pallidez que naturalmente annuvia teu semblante: a pallidez do remorso! O' Deus! que eu possa fitar este monstro, um momento... um instante apenas... Dá-me, -Senhor ! um raio de tua divina luz para que meus olhos enxerguem o assassino de meu filho...

BARÃO. -Antonio Braz!

ANTONIO BRAZ. Já sabes o meu nome; não é verdade? Ainda bem. Sofrimento por sofrimento, lagrima por lagrima, alma por alma... Parte... vae... Depõe contra a infeliz Gabriella, e eu te perderei tambem. Vae-te... some-te... desaparece, se quizeres, vil estellionatario; mas, eu aqui estou... eu aqui fico para denunciar-te aos homens, como lá no céo existe um Deus para fulminar-te com a sua justiça.

BARÃO, perturbado: - Não, não posso, não devo mais supportar tuas injurias, velho insolente... Não te conheço... estás enganado... Mentos !

ANTONIO BRAZ. -Minto, tu dizes... Mas, não sabes, bandido, que o crime deixa sempre sulcos de sua passagem ?... Não te recordas que escreveste a Luiz Braga, teu guarda-livros, convidando-o a compartilhar do roubo...?

BARÃO.- Que dizes?

ANTONIO BRAZ. -Ignoras que essas cartas existem em meu poder...?

BARÃO. -Não é exacto: Luiz Braga queimou-as antes de morrer...

ANTONIO BRAZ. -Luiz Braga cedeu-m'as ao expira...

BARÃO. -O' raiva! (Pausa.) Em troca, que exiges de mim?

ANTONIO BRAZ, segrédando-lhe ao ouvido: -O assassino de Carolina, quer queiram, quer não, sou eu... E's rico, és titular, tua palavra será ouvida sem controversia... com respeito... Pelo depoimento, as cartas... Estâmos firmes; não é?

BARÃO, abatido: -Sim.

ANTONIO BRAZ. -Ainda bem. (Sahe, com o seu guia; Eduardo acompanha-o á distancia.)

BARÃO; E DOUS LOUCOS

BARÃO, em solilóquio.- Que fazer ?... nem mesmo sei. Aquellas cartas, embora contestaveis, podem até certo ponto comprometter-me. A dúvida... a mesma dúvida... as tornará suspeitas... Que fazer? (Reflecte, cogitando, murmurando de um para outro lado.) Que fazer?... que fazer?...

UM LOUCO, estirando a cabeça pelo postigo:- Olá, barbado ?

BARÃO. - Que é?

O LOUCO. -Attenta bem: foi assim que eu comecei. (Desapparece.)

BARÃO. Aquelle louco começou assim?... Mão! mão! (Passeia acelerado de um a outro extrêmo da scena, gesticulando, monologando irregular.) Sim... é isso mesmo: aquellas cartas, embora susceptiveis de contestação, podem n'um momento dado-prejudicar-me... comprometter- me sériamente...

OUTRO LOUCO, no postigo opposto: - Psiu! Olá, seu coisa?

BARÃO, voltando-se: - Que têmos ?

O LOUCO. Cuidado... Olha que eu acabei assim... (Desapparece.)

BARÃO. - Aquell'outro acabou assim... Mão ! mão! Cohibamo-nos... moderemos o enthusiasmo... Mas, em conclusão, que me cumpre fazer?

SCENA IV

O BARÃO; EDUARDO, QUE VOLTA; E O GUARDA

EDUARDO, batendo-lhe de leve no hombro: -Salvar a infeliz, de cuja desgraça sômos os unicos culpados. (Ao Guarda, que atravessa ao fundo:) Poderei falar á Gabriella?

O GUARDA.- Está isolada. Devendo ser inquirida hoje, o dr. delegado prohibio que lhe falassem. Os medicos, a seu-turno, roboraram a ordem da autoridade policial. Querem subtrahil-a ás emoções subitas, por não estar ainda bem averiguado o caso da loucura.

EDUARDO. - Suspeita-se então...

O GUARDA.- Desconfia-se que tudo aquillo não passa de uma superexcitação occasional, de que se prevalecem protectores occultos para fazêl-a escapar á acção da justiça. Ao menos, é o que ouço dizer.

EDUARDO, tira da carteira algum dinheiro, e lh'o passa. - E' surpreendente! Mas, a interdicção é tão formal que exclua a visita de um d'esses protectores immerecidamente calumniados? que exclua a visita de uma pessoa que possa ter realmente o maior interesse em salvar uma pobre louca ?

O GUARDA, embolsando o dinheiro: -Dirija-se V. Ex. á Irmã Superiora... As Irmãs de Caridade podem tudo n'esta casa... Com um pouco de geito, talvez V. Ex. consiga o que pretende.

EDUARDO. -E onde poderei encontrar uma d'ellas?

O GUARDA. - A Irmã Luiza acaba de subir por aquella escada, que vae ter ao refeitório...

EDUARDO. -Obrigado... muito obrigado... (Ao Barão, que se conservou á parte, visivelmente acabrunhado:) Preciso a todo transe vêr Gabriella... e vou tentar um esforço. Em breve estarei com Vm. (Sahe.)

O GUARDA, ao Barão: -Ordena alguma cousa?

BARÃO. - Para que horas ficou marcado o interrogatório?

O GUARDA. - Não tardará muito. O dr. delegado e as testemunhas já aqui se acham, - falta apenas o Escrivão.

BARÃO. -Ainda d'esta vez se realiza o annexim popular: sempre se espera pela peor figura.

O GUARDA, sahindo: -Eil-o que atravessa o pateo,

SCENA V

BARÃO, SÓ; DEPOIS O ASTROLOGO

(A espaços, cruzam a scena maniacos de preocupações multiplas, e de diversas formas, uns soturnos, e como que absorvidos em suas idéas fixas, outros vociferando, gesticulando, monologando; outros mais, visivelmente agitados; todos, porém, inoffensivos, sem impulsões hostis. Aqui, por exemplo, dous vesanicos, um de oculos assentado ao nariz, e o outro com elles ao alto da testa, folhéam grossos in-folio, este solfejando uma ladainha em canto-chão, e aquelle garganteando desafinadamente um trecho de opera italiana; alli, um outro, imperturbavel no seu afan, a palmos compassa as paredes da sala, enquanto um quarto, cingido de mitra episcopal, caminha tragicamente a longas pernadas, envolvido em comprida colcha de retalhos, que suppõe de roçagante purpura; além, mais um, bracêjando como si a nado, enche as bochechas, e sopra, sacudindo a cabeça; e por ultimo, outro vesanico, calçado de bota e chinelo, parece absorto por profundas cogitações, que deixa adivinhar pela desordem e extravagancia dos tregeitos, e pelo intuitivo da mimica, interrompidos a todo instante, ora por um internado que zabumba n'um regador pendurado ao pescoço, ora por um segundo que grita-lhe ao ouvido, imitando feras e animaes domesticos, tropeçando por vezes em inoffensivo vesanico, occupado a medir, com um enorme compasso formado de dous bambús, o ambito do sóalho. Uma louca, maltrapilha e esqualida, atravessa a scena, aos pulinhos, mirando-se, fazendo tregeitos, dando rabanadas, lambendo os beiços, e tocando castanholas com os dedos, ao seguinte constante estribilho: Sou bella! sou dengosa! Sou muito chic! Você quer casar commigo? Outra, correndo,

recuando, virando, abaixando-se, levantando-se, exclama: Pega o gallo! solta o gallo! E ao passo que uma terceira, taci-

turna e desconfiada, toca com o dedo todos os objectos que encontra, no mesmo passo uma outra, beirando os alienados amollecidos, apalpa-os de cima á baixo, e de bairo para cima, contarolando: «Qu'é d'ellas as chaves, que te dei para guardar? Estão no fundo do bahú, si quizer vá lá buscar.»>>).

BARÃO. - Terrível dilemma! A absolvição d'aquella mulher importa a desgraça de Eduardo; mas, as cartas?! aquellas cartas?!... Entretanto, eu as julgava queimadas...

ASTROLOGO, enfiando a cabeça por um postigo: - Psiu! psiu! psiu! Escute, camaradinha...

BARÃO, medrôso: -Quem me falla?

ASTROLOGO.- Seu humilde collega e dedicado amôrzinho. Chegue cá. Abra-me aqui esta porta; sim... Faça-me esse favorzinho; sim?

BARÃO. -Pois não! Collega? varro essa. Quanto ao resto, encontra-me em maré de concessões... (Abre-lhe a porta.)

ASTROLOGO, de camisolão. Tem na cabeça longo e afunilado chapéo. -Ora viva!

BARÃO, enfiado: -Viva!

ASTROLOGO, cruzando os braços, e dobrando forçadamente a cabeça : -Os meus mais profundos respeitos... (Dá uma viravolta.) Tambem é cá da sucia ?

BARÃO, comsigo:- (Bonito! E' um louco... e abri-lhe a porta. Que fiz eu?!... Tremem-me as pernas...)

ASTROLOGO.- Como passou ?... Passou bem?... Bem, muito obrigado. (Fazendo outra pirueta, pisa-lhe nos callos.) A sua mão. (Aperta-a com effusão.)

BARÃO. -Pelo que vêjo, você é algum dansarino de corda bamba...

ASTROLOGO.- Sou o director do Observatorio estrambologico, si me faz o favor... Estou commissionado pelo Governo para espiar d'aqui... Olhe (Fazendo nova pirueta, repisa-o.); d'aqui, d'esta janella, a passagem do bendegó pelo disco de Venus.

BARÃO, cada vez mais desconfiado: -Meus parabens..

ASTROLOGO. -Lá fóra, os papagaios do Congresso decretaram cincoenta contos para tal fim; encarreguei-me, porém, d'esta pagodeira um pouquinho mais em conta. Você vê este telescopio? (Mostra-lhe um enorme canudo.)

BARÃO. -Vêjo... E' de papelão.

ASTROLOGO. -De papelão é você, seu paspalhão,- dou-lhe já um bofetão. A' semelhança da supracitada commissão, é producto genuino da industria nacional. Entendeu? (Outra pirueta; pisa-lhe de novo o callo.) Aqui, para nós como vão os loucos?

BARÃO. - (Adeus, minhas encommendas... O homem já começa a cantar como gallo...)

ASTROLOGO.-Sim: pergunto pelos loucos lá de fóra... Você pensará acaso que este palacio foi construido para conter todos os malucos da cidade? Iche! Serve unicamente para fazer acreditar aos que não estão cá dentro, iche! estão se que elles teem o juizo perfeito; mas, ninando. O mundo, por si só, nada mais é do que um colossal hospicio !

BARÃO.- Ora dá-se! E não é que o diabo do maluco accentuou uma verdade!...

ASTROLOGO. -Não lhe pergunto pelas mulheres, porque tanto juizo teem as que estão lá fóra, como as que estão cá dentro.

BARÃO, comsigo: - Quem assim raciocina com tanto acêrto, não merece absolutamente que o mettam em camisola... Este pobre homem é por sem dúvida victima de alguma intriga... de alguma injustiça... Não se me daria confiar n'elle... (Ao Astrologo que, durante esse espaço de tempo, tem estado afanosa e irrequietamente espiando os astros pelo canudo de papelão:) Que vio! notou qualquer phenomeno?

ASTROLOGO.- Um buraco... redondinho, assim.. com uns raios...

BARÃO. -Que será?

ASTROLOGO. -Ha de ser o sol da India...

BARÃO. -Deixe-me cá espiar tambem... Nunca vi... semelhante sol no Rio de Janeiro... Passe-me o canudo. (Ao voltar-se, depara um louco com o nariz rente á parede.) Ui! que susto!...

ASTROLOGO. -Espantou-se ?...

BARÃO. -Quem é aquelle ?

ASTROLOGO. - E' o bule.

BARÃO. - O bule?!...

ASTROLOGO.- Eu lhe explico: imagina-se um bule de louça, e não deixa aquella incommoda posição com receio de quebrar o bico...

BARÃO. -Que bico?

ASTROLOGO. -O bico do bule... Você parece idiota!

BARÃO. -Não se altere... (A'parte:) (Já começa o diabo a cantar como gallo...) Observemos de novo o tal cometa... Passe para cá o telescopio... (Applica-o.) Palavra d'honra, não enxergo nada...

ASTROLOGO. -Alli... olhe bem... para aquelle lado... Ahi.

BARÃO. -Qual! Por mais que eu procure, nada vêjo... nada absolutamente.

ASTROLOGO, ajustando-lhe o oculo: -Olhe agora... Crave bem os olhos no escuro e o nariz no cometa...

BARÃO. -Ora bolas! não ha meio de distinguir cousa alguma, por mais que accommode o olhar... por mais que escache o nariz... Este astrologo é realmente um lunatico... Tome lá seu telescopio... (Entrega-lh' o.)

O DRAMATURGO, que durante todo esse dialogo percorre a scena excogitando, arria a mão pésada nas costas do Barão; e exclama:- Encontrei !!!!!!!!!!!

BARÃO, pulando assustado: - Ai! (Esbarra com o louco:) Irribus! Não se ganha n'esta casa para os sustos... (Ao Astrologo:) Que achou elle?

ASTROLOGO.- Uma idéa!

BARÃO. -Uma idéa?! Póde limpar a mão á parêde com o tal achado. Ainda si tivesse acertado com o numero da sorte grande, vá!

ASTROLOGO. -Caluda! Elle está parafusando comsigo mesmo... E' o autor d'esta peça.

BARÃO. -Oh, tambem cahio aqui?!... Que desgraça atirou-o n'estas entristecedôras paragens!

O ASTROLOGO.- E' um velho que, por apreciar em extrêmo as moças bonitas, perdeu um grampo do realêjo, e veio a concertar-se aqui.

BARÃO. -Am! Am! sim, senhor: ahi têmos um maluco de bom paladar: gosta de raparigas de truz, no que se encontra com muita gente ajuizada, que tem escapado ao remonte n'estas casas... O que está elle agora a rabiscar ?

ASTROLOGO. -Um dramalhão!... producção de espavento, intitulada - Os cem espectros ensanguentados!!!!

BARÃO, horripilado: -Os cem espectros ensanguentados?!!!!!... Ave Maria! Credo! Abrenuncio !... (Benze-se.) E com a canhota... Ora ahi têmos um drama capaz de ser representado no Matadouro sem mais accessorios... (Apenas o dramaturgo sahe, rompe do lado opposto o Othello. De turbante mouro, embuçado n'uma colcha de retalhos, entra a passos largos e compassados, declamando: « Oh, por que lá nos desertos africanos, Othello não morreu desconhecido?!») Ui!

ASTROLOGO. -Não se assuste... não se assuste... E o nosso Othello. Transportado de verdadeiro ciume, este infeliz matou lá fóra sua querida costella, e veio para aqui rebocar as torrinhas.

BARÃO. Coitadinho! Tenho realmente pena d'elle. (Inesperadamente, o Maestro vibra-lhe com a batuta forte pancila. nas costas.) Ui!. Adeus! adeus! Vou-me embora. Não vim disposto a tão repetidas surpresas... Quando não é um, é outro... Passe muito bem..

ASTROLOGO.- Ora fique, eu lh'o peço...

BARÃO. -Por você não tenho dúvida, -é um maluco de muito juizo, não ha contestar; quanto aos outros, porém, a cousa fia mais fino...

ASTROLOGO. -Ora fique... fique... Têmos muito que conversar. Este rapaz é accommodado: musico por vocação, compositor inspirado, acaba de produzir a celeberrima opera O Bijupyrá, que, por desenxabida, foi averbada de wagneriana ou musica. do futuro. Vae ouvil-a. Elle foi avisar à orchestra. (O maestro sahe.)

BARÃO. -Que foi elle fazer? Avisar a orchestra?

ASTROLOGO.- Prosigâmos as nossas observações telescópicas. Dê um pulo... trepe aqui.

BARÃO.- Na janella 1.....

ASTROLOGO.- Sem dúvida...

BARÃO. -N'essa não caio. eu...

ASTROLOGO. - Olhe... olhe... agora distingo claramente o cometa. Vamos lá: insisto. Trephe aqui, e ajuste de novo o canudo... Assim... assim... perfeitamente assim... Zás, trás, nó cego! (Empurra-o violentamente, e sahe a.correr.)

SCENA VI

O GUARDA; E O BARÃO, FÓRA

BARÃO, no espaço: - Ai!

O GUARDA, apparecendo: -Que aconteceu!... que gritos são estes ?...

BARÃO, fóra:- Ai! ai! ai!

O GUARDA. -Os gemidos partem d'esta janella... Oh, que horror! O louco precipitou a visita na fôssa da City Improvements... Corro a pescal-o. (Sahe apressadamente.)

SCENA VII

OSORIO E CAXIAS; E O BARÃO, FÓRA

BARÃO, fóra:- Ai, quem me acóde ?... quem me acóde?

OSORIO, surge n'um dos angulos da scena, montado n'um cabo de vassoura, correndo, pinoteando. Traz chapéo armado com pennacho, dragonas, espada, casaca e botas feitas de jornaes. Com a mão aberta, e o dédo pollegar mettido na bocca, imita sons de corneta. -Tá, tá, tá, tá... tárá, tátá.

CAXIAS, rompe do lado opposto, cavalgando, como Osorio, um cabo de vassoura. Traz do mesmo modo chapéo e uniforme de papel, tocando por igual uma corneta. Depois de trocadas algumas evoluções e formalidades, entre ambos, esbarram-se. no proscenio. -Tá, tá, tá... tara lá, tara lá.

OSORIO. -Viste o Lopes!

CAXIAS.-Sim, vi-o. Acaba de saltar aquella trincheira. (Aponta para a janella por onde foi despejado o Barão.)

BARÃO, fóra: -Ai, quem me acóde?...

OSORIO. -Então, estamos feitos.....

CAXIAS. -Ao signal convencionado... Bum!

OSORIO, imitando um tiro de artilheria: -Bum! (Barafustam correndo, por lados opostos.)

SCENA VIII

O BARÃO E O GUARDA

O GUARDA, conduzindo o Barão: -Quem mandou V. Ex. abrir-the a porta? Era de prevêr esse resultado...

BARÃO, com a roupa atolada. - Esqueci-me por instantes do logar em que estava... Nunca me passou pela cabeça a idéa de uma tal violencia... O excommungado do louco falava com tanta discrição, com tanto acerto, que realmente illudio-me. Entretanto, eu já devia prevêr que todos esses sujeitos que andam a espiar os astros, são lunaticos... E que banho!... que banho!... Aquillo alli não é certamente uma fábrica de essencia de rosa...

O GUARDA. - Vou pedir á Irmã de serviço que me consinta proporcionar-lhe os cuidados precisos...

BARÃO, desconfiado:- Que cuidados?

O GUARDA.. -Pelo menos, um banho aromatico.

BARÃO. -Que dizes, insensato! eu acabei de comer...

O GUARDA. - Ou-por outra - de beber; mas, que importa isso! Já deve contar com a indigestão. E' rapido... Volto já.

(Osorio e Caxias atravessam a scena, em disparada.)

BARÃO, vendo os; com espanto. - Ui!

O GUARDA, que ia para sahir: - Não se assuste... são mansos... Não fazem mal a ninguem... Até passeiam sôltos, sem vigilancia... Suppõem-se apenas o Osorio e o 'Caxias, e teem a mania commum de aprisionar o Lopes do Paraguay... E andam-lhe á pista. Passam o dia e a noite n'esta roda viva, coitadinhos!... (Retira-se.)

SCENA IX

O BARÃO, SÓ

BARÃO. -Foi-se... Tambem o Astrologo é manso... e anda sôlto... e. no emtanto, deu-me esta ducha de agua de violeta n'uma altura de cinco metros... Nada! Em doido não ha que fiar... Pois si os ha até astrologos!... Nada! Por prevenção, e enquanto aguardo a minha vez de depôr n'este maldito processo, vou esconder-me n'aquelle cantinho... Olé, si vou... Pois si os ha até astrologos...

SCENA X

O BARÃO; OSORIO E CAXIAS;

E DEPOIS O GUARDA

OSORIO E CAXIAS, que cruzam rapidamente ao fundo, estacam juntos, e exclamam, apontando para o Barão:) - E elle... é o Lopes. (Tocam INVESTIDA nas cornetas.) Tá, tá, ta... tara, lá... tá. Avançar !

(Os demais loucos invadem a scena, armados de espadas de papel; commandados pelos dous generaes, avançam, formam quadrado, e dão-lhe seguidas calabrotadas.)

BARÃO, livrando-se, desviando-se, fugindo: -Quem me acóde... quem me acóde?...

(O Guarda, que apparece ao alarido dos doudos, afugenta-os.)

O GUARDA, accomodando-o: - São mansinhos, não fazem mal: póde estar tranquillo... Vou buscar a chave do banheiro grande, e não tardarei... (Sahindo :) Inoffensivos, os coitadinhos!

SCENA XI

O BARÃO, só; E DEPOIS OS LOUCOS

BARÃO. - Acabam de escovar-me o pêllo... e dizem-n'os inoffensivos !... Já viram!... Estou quasi abrindo mão do tal banho....

(Procurando debalde as sahidias, o barão perambula sobresaltado entre os doudos, que lhe fazem gatimanhos visagens, de accordo com suas características monomanias; e quando, por distração, aproxima-se das coxias, ou das fenestras, puxam-lhe os reclusos pela aba da casaca, furtam-lhe o charuto, desatam-lhe o laço da gravata, bifam-lhe os oculos de ouro, sacam-lhe o lenço do bólso, ou dão-lhe repetidas incapellações, até que, n'um momento dado, suspende-lhe um delles bruscamente a cabelleira, e, adornando-se com ella, enfia a cabeça pelo postigo aberto, fazendo-lhe as mais bizarras caréatas. Refugia-se afinal no espaço devoluto entre duas coxias; os doudos lateraes, porém, estirando-lhe as abas da casaca, rasgam-na em duas metades, que dividem entre si, deixando o barão em mangas de camisa.)

(Correm em retirada, á vista do Guarda.)

SCENA XII

O BARÃO, ESCONDIDO; E O GUARDA

O GUARDA, ao barão, trazendo-o pela orelha:- Ah, ficaste ahi... te refugiaste n'esse cantinho para armares alguma das tuas; heim? Pois... toma lá, anda... (Dá-lhe uma calabrotada.)

O BARÃO, escapulindo-se para a extrema oposta. - Calhorda! Você atreve-se a esbordôar-me?

O GUARDA. - Ah! insistes? recalitras ?... Chucha mais esta. (Applica-lhe outra calabrotada.)

O BARÃO. -Que patifaria! Vou já promover tua demissão... Vou mesmo exigil-a pessoalmente... Por este modo ultrajar um titular... um barão... um commerciante... um capitalista... (Gritando:) Sr. administrador, desça cá ábaixo...

O GUARDA.- Ah, recrudescete a mania !!... reaparece-te o acesso !!... Pois anda, - diabo! chupa mais esta. (Bate-lhe de novo.)

O BARÃO.- Eu tecerei os páosinhos... Queixar-me-hei, á imprensa! Eu te armarei a cama, - deixa estar, cachôrrro !...

O GUARDA. - Sim, serei cachorro; mas, vá se lambendo com mais esta. (Bate-lhe.)

O BARÃO. -Com um milhão de diabos, suspenda... Misericordia !... Quem me acode? Suspenda... Não me reconhece? Eu sou o barão de Villa Nova do Amorim.

O GUARDA, dando pelo engano:- V. Ex. queira desculpar-me... Desconheci-o,- palavra d'honra! Pois si aqui os têmos tambem com a mania de grandeza, de serem titulares, commendadores, barões, viscondes, -que sei eu! Demás, vi-o de calva á mostra, quando ainda agorinha mesmo deixei-o bastamente encabellado... Valha-me Deus !... V. Ex. vae perdôar-me essas pancadinhas; não foram propo.. sim? Não lh'as dei por querer, sitaes...

O BARÃO, sahindo impetuoso, a vociferar, seguido do Guarda, em inattendidas desculpas: -Vou queixar-me á Administração... á imprensa... ao proprio governo... Ca fila! Em que ninho de cobras -vim metter-me !... Passa fóra !

A scena fica vasia. Depois que o silencio se restabelece, Gabriella entra pausada e vagarosamente, precedida de uma Irmã de Caridade, que a ampara, fazendo-a sentar. A Irmã, acariciando-a, desvia-se cautelosa, e desaparece.

SCENA XIII

GABRIELLA, só.

GABRIELLA, apprehensiva, entórnando sombrio olhar em volta de si:- Só!... só!... (Pausa.) Eu minto: não estou só, porque a imagem d'aquelle ingrato occupa dia e noite o meu pensamento. É já tempo de findar tanto martyrio... Nunca foi este o mundo por mim sonhado: no que eu imaginara, não existem homens sem os alentos da fé... não existem mulheres sem os effluvios do amôr! O homem sem crença é um corpo sem alma, é um cadaver que se corrompe, -a mulher, que não sabe amar, é um pantano cheio de miasmas, um sepulchro cheio de vérmes ; e quando as leis do movimento a ambos pedem contas, aquelle se desfaz em cinzas, esta aponta para uma lousa sem inscripção, sem letreiro. O mundo assim constituido é uma vasta necropole, que apavora e assombra. E quem me transportará deste, em que habito, para mais serenas

regiões, para um asylo propicio ás scismas de minh'alma, aos purissimos sentimentos de meu coração? (Arrancando do seio um vidrinho, que fita com gesto esperançoso e sorriso esta mordaza para meigo:) Este philtro, que aqui trago, todas as dôres, este veneno subtil e violento, me dará em breve o somno sem sonhares, o somno da morte. (Reflectindo:) A morte!? (Com expansão:) A morte, sim! E eu a affronto impávida... com o olhar seguro... com a calma d'aquelles que se purificaram no soffrer. E de que me serviria a vida? Para quem foi assim tão duramente trahida pelo destino, que valeria continuar a viver? Inexperta e vacillante, conduziram-me pela mão até aos resplandescentes umbraes de um paraiso ignorado, e quando eu começava a extasiar-me ante os quadros risonhos que tão minha imaginação, quando encantados se desdobravam eu começava a prelibar as venturas que sorriam ás minhas seducções de môça, impiedôso fado precipitou-me no inferno, que ora implacavel me tortura!... De que valeria, pois, a vida a quem inventaram mágoas tão fundas, soffrimentos tão acerbos?... Eia! retoma alento, ó minh'alma! A morte não é um castigo, é o somno que não finda, é a paz que não se interrompe; porém, a seus silenciosos ouvidos nem sempre chegam os appêlos de todos que a evocam, de todos que a imploram batidos pela desgraça: é mistér, pois, ir-lhe ao encontro. Coragem. No conteúdo d'este vidro tão pequenino se afogarão para sempre cumpre aproveitar os meus amplos infortunios. Vâmos, instantes: são bem rapidos aquelles em que me deixam a sós... Coragem. (Silencio absoluto. Diffunde suspeitoso olhar em torno de si, a assegurar-se de que ninguem a observa. Sua physionomia se altera, -seus traços mobilisam-se na persistencia de uma idéa. Desce precipitada ao proscenio, atira-se de joelhos, e exclama de mãos postas:) Deus dos que choram! Deus de perdão! antes que eu, misera peccadora, ouse transpôr o solar purissimo de tua mansão, consente que, á semelhança dos fugitivos da lenda biblica, eu sacuda cá fóra as sandalias profanadas na poeira do êrro, e da vida, afim de não macular a alvura de Tuas alfombras. Deus! Senhor, meu Deus! Tu, que mergulhas o olhar no recesso mais intimo dos corações; Tu, que auscultas no peito de todos, que soffrem, os soluços mais remotos, o ultimo gemido que s'esvae; Tu, finalmente, que creaste o amor para nos perder ou para nos salvar, deixa rolar atravez dos astros e dos espaços o orvalho de Teu perdão, para mim, que T'o imploro, para mim, que me confesso a mais desventurada de Tuas creaturas. (Levanta-se de um salto. Cessa a surdina.) Nem mais uma lagrima... nem mais uma imprecação... O martyrio me alentará. (Na reacção do arrebatamento que acompanha estas ultimas palavras, estica automaticamente o braço, comprimindo na mão o vidrinho; volta-o convulsa até aos labios, entre os quaes emborca o philtro fatal, co sorve de um hausto. Dá dous passos vacillantes, incertos, recúa, adeanta-se ainda uma vez, e em leves sobresaltos diz:) Sinto que o veneno distilla gôtta a gotta dentro de meu seio, mordendo-o como venenosas serpes... A vista se me turva... meus joêlhos dobram-se ao peso do pêsado corpo... Lavas de fogo, crescendo do estomago, lastram mais e mais, envolvendo-me pouco a pouco o coração... É o paroxysmo da morte! é a agonia lenta e cruciante dos transfugas da vida! Ainda bem. (Pausa.) E Eduardo? e meu querido Eduardo? Si eu pudesse vê-lo ainda um só momento, embora debruçada á beira do tumulo... Oh, então estas agónias se desdobrariam em alados sorrisos, ao arrimo dos quaes minh'alma ascenderia ao Céu. Oh, si, nas torturas em que me debato, pudesse ouvir-lhe uma phrase, uma palavra ao menos que recordasse os nossos instantes de outr'ora, em que ambos juntos, bem conchegados, coração contra coração, labio contra labio, confundiamos nossas almas n'uma só alma, adejando por esses mundos encantados de poesia e de amôr... Oh, o instante de minha morte não seria uma synthese de agonias, um symbolo de soffrimentos, porém

o threno mais deleitoso da felicidade. (Estorcendo-se cambaleante, não podendo mais suste-
se, tomba sobre o banco; e, debatendo-se afflicta, murmura entrecortadamente): Ancias...
Fogo... Torturas do veneno..... Eu morro... eu morro...

SCENA XIV

EDUARDO E GABRIELLA

EDUARDO, que entra precipitado, estaca áquellas ultimas palavras: -Gabriella... Infeliz
Gabriella!

GABRIELLA. - Oh, vem... não tardes, Eduardo. Acóde depressa... Por ti... eu morro
por amor de ti...

EDUARDO. - Não, não morrerás... Chego a tempo de salvar-te.

GABRIELLA. - É tarde, é muito tarde. Ha poucas horas fiz scintillar aos teus olhos as
derradeiras vascas de uma flamma, que se extinguiu; ha poucas horas ainda dirigi-te as vozes
roucas de um naufrago, que te accenava supplice ao tropél das ondas... E não quizeste realentar
a flamma... e negaste a dextra ao infeliz que submergia, com os olhos fitos nos teus olhos... E a
luz apagou-se no bulcão... e o pobre naufrago desapareceu aos regôgos da tempestade!

EDUARDO. -Mas um santelmo póde reaccender-se nos ares, e á sua luz o desesperado
escapar ainda á tormenta.

GABRIELLA.-Como te enganas... É tarde, - é muito tarde. Da flamma, um rastilho de
cinzas, - do naufrago, um cadaver boiando na lividez das vagas. (Convulsões. Estertores.
Despedaçamento e tactear de agonia: dilacerando angustiada as roupas, que lhe envolvem os
seios, Gabriella leva as mãos á garganta, como que para despedir mais desembaraçada o ultimo
alento. Pallidez da morte. Durante os ultimos momentos de Gabriella, ouve-se, fóra, á distancia,
a «Prece d'Agonia », rezada, ao organ, por um grupo de Irmãs de Caridade, a cujo côro
intercalam-se, á maior distancia, as risotas, os alaridos e as blasphemias dos alienados.)

EDUARDO, soluçando: -Gabriella... Por Deus! Não te desprendas da terra sem perdoar-
me...

GABRIELLA. -Adeus. No ultimo instante, a ultima vontade.

EDUARDO. -Fala, eu t'o supplico.

GABRIELLA. - Um beijo... O beijo da despedida e do amôr.

EDUARDO, beijando-a nos labios: - Este beijo, de envolta com o meu perdão... Perdoa-
me.

GABRIELLA, achegando-o com um abraço: -Outro... mais outro... ainda outro... muitos
outros... Oh! Tanto extrêmo de ternura jámais sonhara o meu coração... Adeus! Separâmo-nos
na terra, para nos unirmos no eéo! (Reergue esguio o tronco, firmando-se logo após sobre as
mãos, com o olhar vitreo e immovel, labios entreabertos, physionomia visivelmente
decomposta; aquietando-se de todo, cahe inteiriçada, exhalando serena o final suspiro.) Adeus!

EDUARDO, sacudindo-a violento, chama :-Gabriella? ... (Lançando-se sobre o cadaver, palpa-o convulso, bradando :) Gabriella? ... (No auge da desesperação, estremece-o ainda uma vez, clamando desorientado :) Gabriella?... (Redobrando de impeto, e erguendo-o de modo a enfrontal-o, fita o desvairado um instante, e atira-o brusco á grande distancia:) Morta!!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS; ANTONIO BRAZ, CAZUZA, O CORONEL
 JORGE; O DELEGADO DE POLICIA; O. ESCRIVÃO;
 EMPREGADOS DO HOSPICIO DE ALIENADOS E IRMÃS
 DE CARIDADE.

TODOS. -Morta !

(A Irmã de Caridade aproxima-se do cadaver, e ajoelha-se; e, ajoelhada, prende-lhe entre as mãos rígidas um crucifixo.)

JORGE, de lucto fechado, assomando imprevisto : - Fugiste à minha vingança, porém não escaparás á colera de Deus... Execrada tu sejas.

EDUARDO, de joelhos junto ao cadaver: - Deixa que repouse em paz quem tanto assim penou n'este mundo. Reprobo seja eu, que não soube interpretar em tempo os remontados sentimentos que se atropêlavam no coração minha Gabriella! tu symbolisarás d'ora avante uma nova Heroína do amôr.

ANTONIO BRAZ. - Deus! Senhor, meu Deus! ao afundar-me quasi na sepultura, parece que se apaga - nos turvos recessos de minha razão - a luz - outr'ora tão fulgurante - de tua infinita bondade!

Quadro.

